

MORGANA FABIOLA CAMBRUSSI

**MÉDIAS E ERGATIVAS:
UMA CONSTRUÇÃO, DOIS SENTIDOS**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Linguística.**

**Orientador Prof. Dr. Heronides Maurílio
de Melo Moura.**

Florianópolis

2007

Esta dissertação, intitulada: MÉDIAS E ERGATIVAS: UMA CONSTRUÇÃO, DOIS SENTIDOS, foi julgada adequada para a obtenção do grau de MESTRE EM LINGÜÍSTICA - Área de concentração Teoria e Análise Lingüística – e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Fábio Lopes da Silva
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Banca Examinadora:

Orientador Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

Prof Dra. Edair Maria Görski (Membro/UFSC)

Prof Dra. Mônica Mano Trindade (Membro/UNISUL)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (Membro/UNESP)

Florianópolis, 12 de março de 2007.

*Dedico este trabalho, toda
minha vida e meus melhores
sentimentos à minha irmã
Andréia, fonte inesgotável
de compreensão, amor e
felicidade.*

Agradecimentos

*A **Deus**, companhia segura, incondicional e constante. Melhor escudo, melhor refúgio, melhor alimento, melhor conhecimento, obrigada por ter me capacitado. Em extensão, obrigada aos **amigos do GOU** (Grupo de Oração Universitário) por não permitirem que eu enxergasse apenas as pequenas coisas da vida.*

*A **Heronides**, obrigada pela receptividade, desde o primeiro email; pela orientação e pela confiança depositada em mim e no meu trabalho, pela atenção, pela segurança e pela parceria irrestritas.*

*À minha mãe, **Fábia**, que tão tolerantemente aceitou minha ausência, obrigada pelo apoio. À **Sarah, Mateus e Emanuel** que mesmo na inocência de seus poucos anos compreenderam minhas necessidades, obrigada. À minha irmã, **Andréia**, meu melhor pedaço, agradeço e, ao mesmo tempo, peço perdão pela falta que fiz, pelos anos de distância que um dia, ainda que seja na velhice, proponho-me a compensar.*

*Ao **povo brasileiro** que, por intermédio do CNPQ, financiou os últimos doze meses desta pesquisa, muitíssimo obrigada.*

*Às amigas, muitas, tantas colegas da RDDA (República Democrática da Dna Anita): **Leticia, Raquel, Tatiane, Doroteia, Nana, Julia, Salete, Lovane, Nagely**. Obrigada pelas conversas, pelo tempo que multiplicamos e pelos sonhos que alimentamos. Em especial à **Leticia**, obrigada pela amizade,*

pela companhia, pela parceria, pelas conversas na madrugada (inclusive pelas vezes em que você falava dormindo). Obrigada, Leticia, pelas muitas vezes em que provou sua lealdade e por todas as outras em que você me devolveu o ânimo.

*Aos **professores** e **funcionários** do Programa de Pós-Graduação em Linguística, obrigada pelos ensinamentos e pelo suporte, respectivamente.*

*Aos colegas da PGL: **Leonor, Ana Cláudia, Mônica, Magdiel, Rodrigo, Marco, Adriamar**, e tantos outros que não posso citar aqui, obrigada pela amizade. Em especial, agradeço a **Magdiel**, pelas discussões sempre intrigantes, pela motivação, pela direção e pela amizade com as quais incontáveis vezes me presenteou – ah, agradeço também as maratonas de caminhada até a ponte Hercílio Luz.*

*Ao **Eric**, meu amor mineiro, feliz presente que o mestrado me trouxe, agradeço pelo tempero especial, pelo tanto de felicidade que me proporcionou. Obrigada, Eric, pois com você pude experimentar uma sensação nova: a de ter com quem contar. Obrigada, principalmente, por fazer de mim uma pessoa melhor.*

*Every thing we write
Will be used against us
Or against those we love
These are the terms
Take them or leave them
Poetry never stood a chance
Of standing outside history
One line typed twenty years ago
Can be blazed on a wall in spraypaint
To glorify art detachment
Or torture of those we
Did not love but also
Did not want to kill*

*We move but ours words stand
Become responsible
For more than we intended
And this is verbal privilege*

Adrienne Rich, "North American Time", 1983.

RESUMO

O que se apresenta neste trabalho é a descrição de *construções médias* e de *construções ergativas*, através do estudo do caráter polissêmico de certos verbos do português que figuram nas duas alternâncias (os quais são também formadores de construções transitivas) e através da análise das principais características apontadas pela bibliografia como diferenciadoras dessas construções. Primeiramente, realiza-se a exposição de estudos específicos sobre o tema *construções médias x construções ergativas*. Em especial, há a apresentação do que desenvolveram os autores Fagan (1988), Keyser & Roeper (1984) e Rodrigues (1998) acerca das características de cada uma dessas construções. Ao contrário da bibliografia selecionada nesta pesquisa, o que a análise das propriedades tidas como diferenciadoras entre as duas construções revela é que há, para ambas, o mesmo processo de formação lexicalmente previsto na matriz dos verbos envolvidos nessas construções. Com base na Teoria do Léxico Gerativo, representa-se a alternância média/transitiva e a alternância ergativa/transitiva a partir da não especificação da estrutura de eventos dos verbos formadores destas construções. A alternância média/ergativa, por não ser capturada pela matriz lexical do verbo, suscitou um estudo semântico-composicional centrado na análise das seguintes características: genericidade (para tema e para agente implícito), interpretação de propriedade intrínseca para o tema em posição de sujeito, restrição a ocorrer com modificador e no tempo verbal presente, para construções *médias*; a presença da categoria aspecto verbal em ambas as construções. A conclusão a que se chegou indica que não há alternância entre duas construções distintas, trata-se, na verdade, de duas construções ergativas, uma *ergativa pura*, outra, *ergativa genérica*.

PALAVRAS-CHAVE: construções médias; construções ergativas; alternâncias linguísticas.

ABSTRACT

In this work it is presented a description of *middle constructions* and *ergative constructions* through the study of the polisemeous aspect of certain verbs in Portuguese that figure at the two alternations (which are also makers of transitive constructions) and through the analysis of the main characteristics pointed by the bibliography which are responsible for the differentiations of these constructions. Firstily, it is showed specific studies about the theme *middle constructions* versus *ergative constructions*. It is especially presented the works developed by authors as Fagan (1988), Keyser & Roeper (1984) and Rodrigues (1998) about the characteristics of each one of these constructions. Unlike the bibliography selected in this research, the analysis of the properties assumed as differentiating between the two constructions reveals that there is the same formation process lexically foreseen for both at the verbal structure involved in these constructions. According to the Generative Lexicon Theory, it is represented the alternation middle/transitive and the alternation transitive/ergative starting from the non-specification of event structures of the verbs that form these constructions. The alternation middle/ergative, for not being captured by the lexical structure of the verb, suggests a semantic-compositional study centered in the analysis of the following characteristics: genericity (for theme and for implicit agent), interpretation of intrinsic property for the theme in subject position, restriction to occur with modifier and in the present tense, for middle constructions; the presence of the verbal aspect category in both constructions. The conclusion of this research indicates that there is no alternation between the two different constructions. Actually, they are both ergative constructions: a pure ergative and a generic ergative.

KEYWORDS: middle constructions; ergative constructions; linguistic alternations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 O termo <i>voz média</i> : uma retomada.....	11
1.2 Vozes verbais.....	16
1.3 Definindo escolhas	21
1.4 Finalizando para começar.....	26
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	30
2.1 Média: algumas definições	30
2.1.1 Propriedades das construções médias.....	33
2.1.2 As construções médias e as construções ergativas	37
2.2 Keyser & Roeper (1984): Por um tratamento sintático das construções médias.....	42
2.2.1 Incorporação do primeiro nóculo irmão.....	43
2.2.2 Partícula <i>away</i> com interpretação de repetição	45
2.2.3 Prefixação <i>out</i>	47
2.2.4 Apagamento e <i>preposition stranding</i>	48
2.3 Fagan (1988): Por um tratamento semântico das construções médias	49
2.4 Definindo construções médias e construções ergativas.....	55
2.5 A Proposta do Léxico Gerativo	57
2.5.1 Estrutura Argumental	60
2.5.2 Estrutura Qualia.....	63
2.5.3 Estrutura de Evento	65

2.5.4 Estrutura de Herança Lexical	69
3 POR UM TRATAMENTO POLISSÊMICO PARA A ALTERNÂNCIA MÉDIA/ERGATIVA/TRANSITIVA: FORMAÇÃO E DERIVAÇÃO DESTAS CONSTRUÇÕES	71
4 ANÁLISE DAS PROPRIEDADES DITAS DIFERENCIADORAS ENTRE CONSTRUÇÕES MÉDIAS E CONSTRUÇÕES ERGATIVAS	81
4.1 <i>Tempo</i> em construções médias: a princípio, uma restrição ao presente	81
4.2 O aspecto em construções médias e em construções ergativas – interação com <i>Tempo</i>	86
4.3 A genericidade de construções médias além do tempo verbal <i>presente</i>	93
4.4 Presença de modificador: exigência para a boa formação das médias?	103
4.5 Genericidade: uma particularidade das construções médias	108
4.6 A expressão de propriedade intrínseca do tema em posição de sujeito: outra particularidade das construções médias.....	116
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	123

1 INTRODUÇÃO

1.1 O termo *voz média*: uma retomada

Nesta seção, examinam-se estudos acerca da questão da *voz média* no português¹, realizados pela tradição gramatical, desde Barbosa (1871) até o período posterior à *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), com Bechara (1980). Como será possível perceber nesta primeira seção, ao termo *voz média* – com o qual se relacionam as construções alternantes médias/ergativas que são objeto de discussão deste trabalho – atribuíram-se diferentes conceitos, muitos deles divergentes do que se assume (e se esclarecerá mais à frente) como *voz média* nesta pesquisa.

Em Barbosa (1871), a *voz média* (também chamada *reflexa*) é apresentada como aquela que está entre a ativa e a passiva, na qual a ação do agente recai sobre ele mesmo. Segundo o autor, é possível realizar a ação do verbo, produzi-la em outro participante ou receber a ação produzida por este. Além dessas formas, existe a *média*, em que se pode produzir a ação e recebê-la em si mesmo: trata-se do meio. Barbosa exemplifica com as sentenças *Eu me amo*, *Tu te entendes* e *Ele se aplaude*, que para ele estão entre a ativa e a passiva. Conforme o autor, os gregos possuíam uma forma de expressar por terminações a *voz média*, o que a faria diferir da ativa e da passiva, enquanto os latinos, na ausência dessa

¹ Os dados analisados correspondem apenas ao português brasileiro, não se fará qualquer distinção entre este e o português europeu. E ainda, sempre que se usar o termo *português*, estar-se-á fazendo referência ao português brasileiro.

forma própria de terminação, faziam-no através do uso de pronomes da mesma pessoa do sujeito gramatical do verbo.

Como, para esse conceito de *voz média*, ela ocorre na presença de pronomes, por certo tempo convencionou-se chamar “os verbos assim construídos *pronominaes*, e também *reflexos* ou *recíprocos*, porque os agentes da oração reflectem e fazem recair sobre si a mesma acção que produzem, exercitando-a e recebendo-a ao mesmo tempo.” (BARBOSA, 1871, p. 180, grifo do autor). Entretanto, o autor afirma que gramáticos discordavam dessa classificação, já que tratavam como *pronominais* apenas aqueles verbos que não se conjugam sem pronome (como *queixar-se*, *abster-se* ou *arrepender-se*) e como recíprocos apenas aqueles verbos cujos pronomes exprimem uma acção recíproca entre duas ou mais pessoas: *As irmãs abraçaram-se uma a outra*. Assim sendo, a voz – que está no meio entre a ativa e a passiva – passou a ser chamada *média* ou *reflexa*, a qual não reflete apenas a acção sobre o agente, mas também tem sentido passivo.

No século seguinte, Câmara Jr. (1956), após definir *voz* como a forma morfológica em que se apresenta o verbo para indicar a relação que há entre ele e seu sujeito, afirma haver para a Língua Portuguesa três vozes verbais: ativa, passiva e reflexiva. Ao retomar a definição de cada uma delas, Câmara Jr. diz que a *voz pronominal reflexiva* foi herdada do latim e, aos poucos, foi substituindo a *voz média* que, residualmente, ainda se reserva aos verbos chamados depoentes. Esses verbos tinham uma forma distinta da forma ativa e basicamente indicavam a *voz reflexiva* que era definida, conforme Câmara Jr., pelas gramáticas das línguas antigas clássicas como *voz medial* (um exemplo desses verbos, dado pelo autor, é *morassent* (demorassem)).

Outras duas considerações Câmara Jr (1986) ainda fez sobre a *voz medial*: a primeira é sobre a *voz médio-passiva*, na qual o pronome *se* ocupa função de pronome

apassivador. Segundo o autor, a *voz passiva* tende a se apresentar na *voz medial* nos casos em que se integra à ação verbal um ser que não é o agente; a segunda (que tem relação com a primeira) é a afirmação de que a voz medial pode figurar com sujeitos, seres inanimados, que não são seus sujeitos ativos, como em *A árvore se agita* e *A estrada se desdobra*.

Em seqüência, Said Ali (1964) relaciona como vozes do verbo a ativa, a passiva e a *voz média* ou *medial*. Logo se percebem algumas divergências com relação a Barbosa (1871), pois, segundo Said Ali, a *voz média* diz respeito ao verbo conjugado com pronome reflexivo e é empregada com significações distintas, incluindo-se as formas *pronominal* e *recíproca*, além de não ser tratada como um conceito marginal sob risco de desuso, de acordo com o que sugere Câmara Jr. (1956).

Para Said Ali (1964), dentre outras funções, a *voz média* pode representar uma ação rigorosamente reflexa, em que o agente pratica sobre si mesmo: *Pedro matou-se*; pode ser um estado ou uma condição nova, em que a forma reflexa equivale a *ficar + particípio passado*: *Sarah zangou-se com o irmão = ficou zangada*; pode ser um ato material ou movimento concreto que o agente executa em si próprio, idêntico ao que executaria em um outro paciente qualquer (animado ou não): *Afastei-me do fogo*, como em *Afastei o livro do fogo*; pode ser um ato em que o agente aparece vivamente afetado: *Todos se queixaram da grave injustiça*; e, finalmente, pode servir para denotar uma ação recíproca entre dois ou mais agentes, nesse caso, o verbo é recíproco: *Os alunos estimam-se uns aos outros*. O autor ainda observa que verbos essencialmente pronominais sempre se usam em *voz média*, como *queixar-se*, *abster-se* ou *arrepender-se*.

Bechara (1976) também divide as vozes verbais em *ativa*, *passiva* e *medial*. Esta última é subdividida em reflexiva (nos casos em que o sujeito pratica a ação verbal sobre si mesmo: *Ele se vestiu*), recíproca (nos casos em que há mais de um sujeito e um pratica a

ação verbal sobre o outro: *Os noivos se amam reciprocamente*) e dinâmica (nos casos em que se indica um movimento ou ato praticado pelo sujeito e pelo qual ele é vivamente afetado: *Sentamo-nos na poltrona*).

Desperta interesse o fato de, em nota explicativa, Bechara (1976) afirmar que a NGB preferiu considerar as vozes verbais divididas em *ativa, passiva e reflexiva* e, nesse ponto, o autor discute que a posição assumida pela NGB cria problemas de ordens morfológica e sintática, notadamente assumindo posição contrária à supressão da *voz medial*. Entretanto, em Bechara (1980), o autor entra em acordo com a NGB, dividindo as vozes verbais em *ativa, passiva e reflexiva*, sem fazer qualquer menção à *voz medial*. Nas gramáticas que se seguiram, a tendência foi assumir a posição adotada pela NGB e abandonar o termo *voz média* ou *medial*, até então intimamente ligada às estruturas com verbos pronominais e à reflexividade.

Em dicionário recente, de Ferreira (1999), no verbete *voz*, há referência à *voz média* como aquela em que o sujeito e o objeto se referem ao mesmo ser; *voz medial* é dada como *voz reflexa*, com exemplo *Eu me lavo* e também como sinônima de *voz média*; em *voz reflexa*, há a indicação para que se consulte *voz média*, ou seja, *média, medial e reflexa* são tratadas como sinônimas, cuja definição é a presença de reflexividade entre sujeito e objeto.

Há ainda outro caso de *voz média* até então pouco percebido: quando esta ocorre sem pronome e em caráter não reflexo, como em *Pão assa rápido*. Câmara Jr (1986) apresentou semelhanças com esse caso ao exemplificar com *A árvore se agita* e *A estrada se desdobra*, em que os pronomes são ditos apassivadores e não reflexos como nos exemplos que se vinha encontrando. Também no exemplo para *voz média* de Dubois et. al. (1976), *O ramo quebra*, há forte proximidade com o que se adota como definição de *construção média* nesta pesquisa.

Observa-se, sem qualquer investigação mais apurada, que ocorreu uma mudança (envolvendo forma e função) do que se tinha por *voz média* para o grego e o que este termo passou a representar para o português. Nas línguas clássicas, *média* era uma forma de *voz*, morfológicamente marcada, com função reflexiva e recíproca, assim como eram formas marcadas a ativa e a passiva. Já para o português, ativa, passiva e reflexiva passaram a ser as formas de *voz* marcadas morfológicamente, cada qual com função própria (seção 1.2), enquanto *média* ficou restrita à função interpretativa de certas construções.

Mas a interpretação de *construções médias* é assunto para mais à frente, antes, é relevante definir *vozes verbais*, com o intuito de iniciar as discussões do que se entende aqui por *voz média*, conceituando-a contrastivamente, a partir das definições do que são as vozes ativa, passiva e reflexiva. Posteriormente, apresentar-se-ão as *construções médias* pesquisadas – subdomínios da *voz média*.

1.2 Vozes verbais

Dubois et al. (1973, p.615) apresenta *voz* como uma categoria gramatical associada ao verbo e a seu auxiliar “que indica a relação gramatical entre o verbo, o sujeito ou o agente e o objeto”. Esse conceito assumido por Dubois et al. leva à percepção de que o entendimento de voz do verbo está ligado à relação do verbo com os papéis temáticos da sentença (e depende de quais papéis temáticos estão envolvidos nesta relação).²

Se a posição de sujeito estiver ocupada por um papel temático cujo caráter é agentivo, ou seja, é o agente do fato expresso pelo verbo, a sentença está na *voz ativa*. Segundo Dowty (1991), o papel temático *agente* apresenta as seguintes propriedades: ter volição, ter consciência, ser aquilo que causa um evento ou mudança de estado em outro participante, estar em movimento em relação à posição de outro participante e existir independentemente do evento nomeado pelo verbo. Assim, na sentença (01), abaixo, *O acusado* é agente por apresentar todas as propriedades especificadas acima e a sentença está na *voz ativa* por possuir um agente na posição de sujeito gramatical. Em (02), mesmo com agente implícito, reconhece-se nele a presença das propriedades apresentadas por Dowty e o preenchimento da posição de sujeito da sentença no caso de o agente ser explicitado.

² Considera-se que, no que concerne à relação entre o verbo e seus argumentos, a definição de *voz* dada por Dubois et al. (1973) é adequada, por outro lado, os autores classificam *voz* como *categoria gramatical* e essa parece ser uma definição tão ampla que pouco explica *voz*. Se tratada enquanto categoria, mais restritamente, *voz* é *categoria verbal*, trata-se de um traço, uma propriedade, uma característica do verbo. Assim, entende-se que à propriedade verbal *voz* compreende a função interpretativa da relação que se estabelece entre o verbo e os participantes da ação verbal. A restrição da categoria *voz* a verbos que indiquem ação e que possuam sujeito gramatical – o que exclui os verbos de estado (de ligação) e os impessoais – não será discutida neste trabalho, pois os verbos alternantes médios/ergativos/transitivos estudados aqui são de ação e em todos os casos do recorte de análise há sujeito (tema em posição de sujeito). Para mais informações sobre *voz*, ver Aragão (1944) e Haug (1992).

(01) O acusado empurrou a testemunha. (voz ativa)

(02) Cuida-se de cães. (voz ativa)

Já se a posição de sujeito gramatical for ocupada por um papel temático com caráter passivo, ou seja, pelo paciente, a voz verbal é classificada como *voz passiva*. Para Dowty (1991), o paciente sofre mudança de estado, é um tema incremental³, é afetado pelo outro participante, é estacionário com relação ao outro participante e não existe independentemente do evento nomeado pelo verbo. Propriedades que podem ser observadas abaixo em (03).

(03a) A verdade foi dita. (voz passiva analítica)

Para Dubois et al. (1973, p.615), ainda no verbete voz, há para a voz passiva a explicação de ser derivada de uma sentença subjacente com verbo ativo. Essa seria a justificativa para o fato de o sujeito da sentença na passiva ser o objeto de um verbo ativo, também para o sujeito-agente do verbo na ativa tornar-se o agente da passiva, que pode ser ou não ser realizado com o verbo na forma passiva. A sentença com verbo ativo, em (03b), é, conforme essa definição, subjacente à sentença com verbo passivo em (03c):

³ Ocorre tema incremental quando há correspondência entre parte do tema e parte do evento expresso pelo verbo. Por exemplo, em *cortar a grama*, à medida que se realizam as etapas/fases do processo, também se realiza a mudança de estado no paciente. Para Dowty, trata-se de uma relação isomórfica entre o processo e a modificação do paciente.

(03b) Paulo feriu João.

(03c) João foi ferido (por Paulo).

Ainda sobre a voz passiva, há, para o português, o caso de verbo passivo com partícula apassivadora *se*, denominado pela tradição gramatical como voz passiva sintética ou pronominal ((03d)). Com base em Aragão (1944), Bechara (1980) e Haury (1992), para a formação da passiva pronominal, não se utiliza a estrutura com verbo auxiliar + verbo principal no particípio (*Casa é alugada*), tampouco se pode expressar o agente da passiva ((03e)), como é possível para as passivas analíticas. Além das diferenças elencadas entre passiva analítica e passiva sintética, há a peculiaridade de as passivas sintéticas se realizarem sempre com verbo na terceira pessoa do discurso, plural ou singular, ao passo que a passiva analítica permite ao verbo que se conjugue em quaisquer pessoas.

(03d) Desvendou-se o mistério.⁴

(03e) *Desvendou-se o mistério pelo investigador.

Finalmente, se a posição de sujeito da sentença for ocupada por um papel temático que seja, ao mesmo tempo, agente e paciente, diz-se que se trata de *voz reflexiva* – a qual ainda pode apresentar a variante *voz reflexiva recíproca*.

⁴ Contrariando a gramática normativa tradicional, na língua em uso, *Desvendou-se o mistério*, por exemplo, é construção ambígua entre uma leitura que considere *o mistério* como sujeito gramatical e outra leitura que considere o sujeito gramatical da construção como indeterminado. Esse ponto também não será discutido nesta pesquisa, tendo em vista que não é relevante para a análise que se propõe e que o objetivo desta seção não é o aprofundamento das questões que apresenta, mas a preparação para reflexões posteriores.

(04a) Emanuel olhou-se no espelho. (voz reflexiva)

(04b) Sarah e Mateus olharam-se com ternura. (voz reflexiva recíproca)

Era comum, como se viu na seção anterior, que *voz média* ou *medial* fosse classificada pela reflexividade (entre outras classificações), apenas após a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* ser instituída é que se assume uma classificação própria à reflexividade, *voz reflexiva*, e se exclui a medialidade da discussão. Entre os poucos trabalhos que se seguiram, Camacho (2003) retoma essa questão, trazendo para as categorias gramaticais do português a *voz média* – trabalho tido como referência mais atual de que se dispõe sobre o assunto.

Entretanto, as construções médias analisadas por Camacho diferem formal e semanticamente das construções médias analisadas neste trabalho. O autor analisa sentenças formadas com os tradicionalmente chamados *verbos pronominais*, a exemplo de *Ela procura se aperfeiçoar* e outros casos com verbos do tipo de: *lavar-se, barbear-se, queixar-se, irritar-se, abraçar-se, ir-se, lembrar-se*, que configuram tipos de situação medial recorrentes em diversas línguas, entre elas o português. O que Camacho (2003) observa é que se houver pelo menos dois destes estados de coisas em uma língua, serão expressos através de um mesmo marcador, o *se* medial, no caso do português, o que comprova a manifestação gramatical regular da categoria lingüística *média*.

De acordo com essa opção de recorte para seu objeto de estudo, o problema que Camacho encontra é a proximidade entre *verbos reflexivos* e *verbos pronominais*, estes, para ele, *médios*. Então, preocupado com a distinção entre o que adota como voz média e a voz reflexiva-recíproca, Camacho (2003, p.98) considera que o marcador medial (a

exemplo de *Profissionais tentam se manter no mercado*) ainda mantém traços morfológicos e sintáticos característicos da categoria pronominal:

mas sua forma de manifestação sintática e semântica não é idêntica à do marcador reflexivo-recíproco; nas construções médias, o clítico não permite, por um lado, comutações com outros termos possíveis do mesmo paradigma e, por outro, não estabelece com o sujeito uma relação semântica de correferência e sintática de coindexação, o que só seria possível se houvesse duas posições estruturais disponíveis para serem preenchidas por SNs referencialmente idênticos.

Para Camacho, o clítico reflexivo-recíproco mantém *uma simetria de traços número-pessoais* com o sujeito da sentença ao qual está coindexado, enquanto o marcador medial não é coindexado ao sujeito, já que não há uma posição argumental preenchível, o que aproximaria os verbos médios dos impessoais. Em síntese, Camacho (2003) diferencia *voz reflexiva* e *voz média* a partir do *se* envolvido nas duas formações, característica que mais fortemente as aproximaria. O marcador medial, ao contrário do clítico reflexivo-recíproco, não comuta com outros termos, não tem relação semântica de correferência e sintática de coindexação e está ligado a verbos médios, que só possuem uma posição estrutural disponível.

1.3 Definindo escolhas

A seleção do corpus utilizado para análise nesta pesquisa não será estatística, pois não se discutirá a representatividade de construções médias e de construções ergativas dentro de um corpus específico e delimitado, apenas se atestarão suas ocorrências. Para que se possa demonstrar o uso dessas construções, a análise construir-se-á a partir de dados reais da língua. Assim, serão selecionadas amostras de construções médias atestadas como sentenças do português pela ocorrência na Internet, sob a forma de texto escrito e pesquisadas por sistemas de busca disponíveis, em particular por www.google.com.br. Não se classificará o corpus de acordo com o nível de linguagem, ou seja, não se fará distinção entre usos formais e usos coloquiais, por se entender que tal distinção não é necessária para o que se objetiva no estudo atual.

A hipótese de trabalho a se verificar é a de que construções médias e construções ergativas possuem a mesma formação (lexical), distinguindo-se apenas por aspectos semântico-composicionais. Essa investigação será feita, primeiramente, a partir da teoria do Léxico Gerativo, pela qual se pode apresentar uma proposta para o tratamento da alternância média/ergativa/transitiva enquanto questão de polissemia lógica e buscar comprovar que médias e ergativas sofrem mesma derivação e formação. Quanto às características apontadas pela bibliografia que trata do assunto como diferenciadoras destas construções, questiona-se: são verdadeiramente diferenciadoras entre as duas construções? Há duas construções distintas?

Para as reflexões que se seguem, é necessário deixar explícito que nada do que se disse nas seções anteriores delimita o que é considerado propriamente como *voz média* e quais verbos são os ditos *médios* (genérico-mediais e ergativos) para este estudo. Aqui não serão tratadas estruturas com marcador medial *se*, a exemplo do que fez Camacho (2003) (muito menos estruturas como as estudadas pelos autores apresentados em 1.1). Reconhece-se que situações típicas como *sentar-se*, *vestir-se*, *erguer-se*, *cortar-se* pertencem a um sistema medial do português, essencialmente associado ao *se*, entretanto, esta dissertação se volta para um uso mais específico da média, que não envolve propriamente um estado de coisas típico, mas a genericidade da construção.

Tratar-se-á da medialidade envolvida em sentenças similares a:

(05a) Essa lata amassa fácil.

(05b) Esse adesivo gruda bem.

em que o verbo possui forma morfológica ativa, mas interpretação passiva, com tema na posição de sujeito. Kemmer (1988, 1994 (apud RODRIGUES, 1998, p.56)) apresenta como construções que manifestam *voz média*, no caso do inglês, ergativas do tipo *The door opened* e médias como *The book sells well*. Segundo a autora, *construções médias*⁵ e *construções ergativas*⁶ são subdomínios da voz média.

⁵ Neste trabalho, optou-se por manter o termo *construção média* por ser o adotado por boa parte da bibliografia sobre o assunto (Fagan (1988); Fellbaum & Zribi-Hertz (1989); Kemmer (1994); Keyser & Roeper (1984); Rodrigues (1998)). Entretanto, considera-se que seria mais adequada a escolha pela mudança terminológica, devido ao fato de o termo *construção média*, em oposição ao termo *construção ergativa*, poder levar o leitor a pensar que no primeiro caso se está falando de *voz média*, enquanto no segundo caso não. Tanto *construções médias* quanto *construções ergativas* são subdomínios da *voz média*, além disso, o estudo que se objetiva nesta pesquisa perpassa as questões referentes à voz verbal envolvida na formação das duas construções. A escolha do termo *genérica medial* em lugar do termo *média*, seria mais apropriada, mas

Assumindo o que diz Kemmer, neste trabalho não se discutirá a manifestação de voz média em construções médias e em construções ergativas, pois se reconhecerá em ambas as mesmas propriedades caracterizadoras de construções envolvendo voz média: primeiro, o iniciador da ação/processo verbal é a entidade atingida pelo processo/ação verbal e, depois, há baixo grau de elaboração do evento.

Em se tratando do baixo grau de elaboração do evento, para Kemmer, a definição de elaboração do evento está relacionada ao número de participantes expressos envolvidos no processo/ação verbal. Enquanto uma construção transitiva, em voz ativa, expressa um evento realizado com dois participantes distintos, um agente e um tema, em voz média assumirá a forma de uma construção média ou de uma construção ergativa e expressará apenas aquele participante que é afetado pela ação/processo verbal, o tema. Daí a baixa elaboração do evento expresso pelo verbo, que, juntamente com a característica de a entidade iniciadora da ação/processo verbal ser a mesma entidade afetada pelo evento expresso através do verbo, coloca tanto as construções médias quanto as ergativas sob o escopo da voz média.

Reconhece-se, a exemplo do que acontece nas demais línguas românicas, que no português há construções médias que envolvem a presença do *se* marcador medial, a exemplo de *Essa camisa (se) lava fácil*, em que o marcador medial é facultativo e também a exemplo de *Esse carro se usa fácil*, em que o marcador medial é obrigatório para a

desencadearia transtornos de ordem terminológica. Para manter a linguagem de estudos anteriores e para facilitar o reconhecimento do tema desta pesquisa, então, decidiu-se manter o termo *construção média*.

⁶ Adota-se, neste trabalho, o termo *ergativa* para fazer referência à mesma estrutura sintática (e com a mesma função semântica) que os autores Fagan (1988), Fellbaum & Zribi-Hertz (1989), Kemmer (1994), Keyser & Roeper (1984) e Rodrigues (1998) o adotam. *Construções ergativas* (ou verbos ergativos) são aquelas em que o argumento que está à esquerda do verbo é seu objeto temático e não o agente do fato expresso pelo verbo, a exemplo de *O barco afundou*.

gramaticalidade da sentença. Entretanto, construções médias formadas com marcador medial *se* não fazem parte do recorte de análise deste trabalho.

A escolha por não incluir na análise aquelas construções médias que envolvem *se* medial em sua formação é devida ao fato de esta pesquisa estar voltada para a alternância média/ergativa/transitiva em construções sem restrição de aceitabilidade em cada uma das formações, bem formadas sintática e semanticamente. Pelo que postula Rodrigues (1998, p.103), das três classes de verbos formadores de construções médias que a autora reconhece para o português, apenas duas também formam construções ergativas bem formadas. São elas:

- i. Classe I – composta por aqueles verbos que na formação de estruturas médias rejeitam *se* medial – acelerar, assar, colar, cortar, cozinhar, descascar, ferver, furar, girar, limpar, rachar, ralar, riscar, torrar, trincar, entre outros apontados pela autora.⁷

A respeito dos verbos integrantes da classe I, contrariamente ao que postula Rodrigues (1998), não se assume serem em todos os contextos incompatíveis com a formação de construções médias envolvendo marcador medial. Para os verbos *colar*, *limpar* e *trincar*, por exemplo, é possível formar construções como *?Esse adesivo se cola fácil*, *?Esse piso se limpa facilmente*, *?Esse vaso se trinca facilmente*, em que a restrição de aceitabilidade é apenas para interpretação média e é devida à ambigüidade de leitura entre uma interpretação média (menos aceitável) e uma interpretação reflexiva (sem restrições de aceitabilidade).

⁷ A exemplo de: *Esse adesivo cola facilmente* / *? Esse adesivo se cola facilmente*.

- ii. Classe II – composta por aqueles verbos que na formação de estruturas médias facultam a ocorrência de *se* medial – abrir, apagar, assustar, conectar, congelar, deformar, encaixar, estragar, fechar, misturar, quebrar, soltar, entre outros apontados pela autora.⁸

Quanto à Classe III, é também ela formadora de construções médias, entretanto, os verbos que a integram não formam construções ergativas, o que inviabiliza a observação da alternância média/ergativa/transitiva.

- iii. Classe III – composta por aqueles verbos que formam estruturas médias somente com a presença do *se* medial – agrupar, arquivar, colher, construir, elaborar, escovar, esmaltar, transmitir, pintar, preparar, transcrever, lapidar, raspar, redigir, entre outros apontados pela autora.

Dado o fato de que a exigência do *se* medial só é restrição para a formação de médias a partir de verbos da classe III, os quais não formam ergativas, e o fato de que no Brasil, pelo menos no que compreende à variante coloquial, a preferência ser pela supressão do *se* medial⁹ quando este é facultativo, não serão analisadas construções com marcador medial.

Ainda sobre esse aspecto, deseja-se registrar que Rodrigues (1998) avalia que *pintar*, *ler* e *traduzir* são verbos integrantes da classe III e, como tais, exigem marcador

⁸ A autora exemplifica com: *Essa porta (se) fecha facilmente/ Esse vaso (se) quebra facilmente.*

⁹ Para discussões detalhadas sobre a perda do *se* e outros clíticos do mesmo paradigma, consultar Camacho (2003), D'Albuquerque (1984) e Nunes (1995).

medial para boa formação de construções médias. Neste trabalho, entretanto, considera-se que estes verbos formam também médias sem marcador, como *Essa tela pinta fácil*, *Esse livro lê fácil* e *Grego traduz facilmente*. Ainda assim, em conformidade com Rodrigues, *pintar*, *ler* e *traduzir* não formam ergativas sem restrições de aceitabilidade (*?Essa tela pintou em quatro dias*, **Esse livro leu* e **Grego traduziu*), portanto, não servem à alternância média/ergativa/transitiva e apenas servirão para exemplificar construções médias.

1.4 Finalizando para começar

Do que se fez até aqui, é possível dizer que a seção 1.2 retrata a classificação das vozes verbais frequente no meio escolar, a qual perdura na tradição gramatical e norteia o ensino de estrutura da língua na maioria das escolas (com exceção da voz *média*, não citada pelos manuais). Não se discutirá a adequação dessas definições, entretanto, é relevante destacar que em sentenças do tipo: *Paulo morreu*, em que a voz é classificada pela tradição gramatical como ativa, ocorre, aparentemente, um equívoco, pois o conceito de voz *ativa* que se apresenta, o de que o sujeito da sentença é o agente do fato expresso pelo verbo, parece que, em *Paulo morreu*, não se aplica, já que *Paulo* não faz, mas lamentavelmente sofre o fato expresso pelo verbo, a morte.

Outras questões, no que diz respeito ao estudo dos comportamentos verbais, parecem ser ignoradas pela tradição gramatical. Sobre essa questão, no que se refere à consideração, ou melhor, à desconsideração do *aspecto verbal* e da voz *média*, o que se configura não é apenas uma resistência à mudança da língua, mas também uma resistência

à renovação dos conceitos acerca de características da língua já descritas e que se mantêm há tempos.

Isso se afirma por já existirem flexões verbais (*número, pessoa, tempo, modo e voz*) e por, mesmo assim, não se dar espaço para a marcação de *aspecto* – marca das várias fases de desenvolvimento do processo verbal: início, duração e resultado da ação. *Aspecto* é categoria relevante, uma vez que, por exprimir a representação que o falante faz do processo que é dado pelo verbo, diferencia-se do tempo verbal; enquanto este situa o processo em relação ao enunciado, aquele o faz em relação à enunciação. Assim, *Mateus estava correndo* e *Mateus correu* estão ambas no tempo pretérito, mas, quanto ao aspecto, a primeira é imperfectiva e a segunda é perfectiva. A flexão de aspecto será mais bem abordada apenas no capítulo de análise desta pesquisa, mas aqui já se mostrou claramente distinta das flexões verbais.

Quanto à *voz média*, como a flexão de voz já é conceituada, a barreira deveria ser mais leve, pois basta que seja incluída entre as vozes verbais já reconhecidas. Entretanto, no que concerne ao português, como é marginal o tratamento dispensado à *voz média*, poucos são os estudos sobre o assunto – a consequência disso é a falta de uma proposta concreta que sirva à transposição didática (embora esta pesquisa não se proponha à transposição nem ao estudo da *voz média* propriamente dita, considera-se relevante apontar tais questões).

Na tentativa de desenvolver um estudo que se oponha à visão estanque de língua, o que se faz neste trabalho é analisar a alternância entre construções médias/ergativas/transitivas, objetivando descrevê-la (o que já é evidência suficiente da existência de *voz média* no português). Para isso, assumir-se-á a posição de que o léxico é altamente estruturado, ou seja, possui sua organização e regras próprias. Essa é a razão pela

qual se optou pela teoria do Léxico Gerativo como suporte para a discussão proposta, uma vez que essa teoria trata de forma peculiar questões como polissemia e composicionalidade, que são problemas semânticos clássicos. Com isso, desenvolver uma proposta de tratamento polissêmico de verbos que servem a processos de alternância entre construções médias, ergativas e transitivas se justifica na necessidade de se reconhecer essa estruturação lexical, a qual se reflete na natureza polimórfica da linguagem.

Para que o caráter polissêmico de verbos alternantes entre construções médias/ergativas/transitivas se sustente, é necessária uma formalização capaz de capturar as alternâncias possíveis. Em virtude dessa necessidade, serão discutidas, além das construções médias e das transitivas, construções ergativas, cujos verbos formadores também formam construções médias. Há, logo, o intuito de desenvolver uma representação semântica para tais verbos capaz de prever essas três possibilidades de alternância em uma única matriz, o que se justifica na sustentação da afirmação de que nos processos de alternância há apenas um verbo capaz de se realizar em (pelo menos) duas formas sintáticas distintas.

Um estudo desse gênero põe em discussão a centralidade da sintaxe, pois propõe que a explicação para a formação das construções médias e das construções ergativas é lexical, logo pré-sintática. Além disso, vai na direção de que as formas alternantes que se apresentam mais têm a ver com funções semânticas distintas que com formas derivadas por motivações sintáticas. Para que seja possível manter essa posição, busca-se comprová-la através do estudo da polissemia que se acredita estar por trás dos usos alternantes de verbos envolvidos em construções médias e explicitar a relação que há entre os sentidos desses verbos. Esses direcionamentos servem à descrição da alternância de construções médias/ergativas/transitivas, assim como à descrição das próprias construções.

Para tanto, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: na seção 2 são apresentados os pressupostos teóricos que dão suporte às discussões e que servem de ponto de partida para o que se propõe mais à frente; na seção 3, destinada à análise, são discutidos os processos de alternância média/ergativa/transitiva, com base na teoria do Léxico Gerativo. Essa discussão é seguida da descrição de cada uma das propriedades aparentemente diferenciadoras de construções médias e de ergativas; na seção 4 estão as considerações finais a que se chega nesta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Média: algumas definições

Conforme Fellbaum & Zribi-Hertz (1989, p. 19), a *voz média* é considerada pela tradição gramatical como um meio termo entre a *voz ativa* e a *voz passiva*. As autoras afirmam que um verbo médio terá a morfologia de um verbo ativo, mas a interpretação de um verbo passivo. Isso se observa na sentença em (06), na qual há um verbo na forma ativa, mas que assim como a passiva possui sujeito gramatical constituído por seu objeto temático¹⁰.

(06a) Greek translates easily.

(06b) Grego traduz facilmente.¹¹

Construções médias como a representada em (06a), cuja tradução em (6b) não apresenta marcador medial, são freqüentes; adaptada para a forma com *se* medial, (06a) apresentaria a versão em (07), semelhante à versão francesa em (08). De acordo com Fellbaum & Zribi-Hertz (1989), a diferença entre (06a) e (08) deve-se a fato de as

¹⁰ Conforme seções anteriores, as construções ergativas, tal qual as médias, são subdomínios da voz média e recebem as mesmas considerações a respeito de *voz* aqui feitas às construções médias.

¹¹ Assume-se que há duas traduções possíveis para *Greek translates easily*, a saber, (a) *Grego traduz facilmente* e (b) *Grego se traduz facilmente*. Entretanto, sentenças como a em (a) serão as focalizadas neste estudo, diferentemente das sentenças como a em (b) com marcador medial. Registra-se, mais uma vez, que na linguagem em uso, especialmente oral, do português brasileiro a preferência é pela supressão do marcador medial *se*, nessa direção apontam os estudos citados na nota 9.

construções médias do francês estarem associadas à passiva enquanto no inglês estariam associadas à forma ergativa¹². Nesse caso, há médias do português que se aproximam estruturalmente do francês e outras estruturalmente próximas do inglês:

(07) Grego se traduz facilmente.

(08) Le grec se traduit facilement.

Nesse sentido, no exemplo dado abaixo, a construção média correspondente no português ((10)) aproxima-se da versão inglesa ((09)) e não da versão francesa ((11)). No caso de uma tradução literal de (11) para o português, obter-se-ia o resultado expresso em (12).

(09) This shirt washes easily.

(10) Essa camisa lava fácil.

(11) Cette chemise se lave facilement.

(12) Essa camisa se lava fácil.

Isso possibilitaria a afirmação de que a média do português pode derivar tanto de construções ergativas quanto da passiva, mas ainda é cedo para que se chegue a essa conclusão. Mesmo porque não se pode afirmar com exatidão se a estrutura pronominal do português está ligada à passiva, parece que o que está em jogo, nesse caso, é a existência da passiva pronominal nas línguas românicas¹³. No capítulo destinado à análise, espera-se

¹² Maiores considerações acerca das construções ergativas serão feitas nos itens posteriores.

¹³ Para melhores discussões sobre esse tema, consultar Palmer (1994).

criar um quadro descritivo o suficiente para explicar a formação das construções médias do português.

Em uma visão mais estrutural, Keyser & Roeper (1984) argumentam que as construções médias são resultados de derivações sintáticas. Segundo estes autores, médias são geradas por uma regra sintática, a saber, $MOVA \alpha$, pela qual o argumento interno do verbo é movido para a posição de sujeito formal da sentença. Assumindo claramente a diferenciação entre médias e ergativas, os autores sugerem uma divisão entre verbos transitivos e intransitivos, aqueles podem ser subdivididos em transitivos regulares e médios; estes podem ser subdivididos em intransitivos puros e ergativos. A formalização de construções médias, pela definição de Keyser & Roeper (1984), está muito próxima do que se pode observar em (13), abaixo, em que N representa um nome qualquer, movido da posição de argumento interno, preenchida por t (trace - vestígio):

(13) N_a verbo t_a

Os verbos dessas construções são, por essa razão, transitivos. Essa discussão será retomada no item 2.1.2 deste trabalho, destinado à distinção entre médias e ergativas. Os autores consideram que médias emergem do léxico como transitivas, seu sujeito superficial é gerado na posição de objeto e deve ser movido para a posição de sujeito para receber caso e não violar o filtro do caso. Como se apresentará mais à frente, Fagan (1988) propõe um tratamento semântico para as construções médias, o qual se opõe às definições de Keyser & Roeper (1984).

2.1.1 Propriedades das construções médias

Rodrigues (1998, p. 8) afirma que há várias restrições às quais as construções médias estão sujeitas, muitas delas listadas em parágrafos abaixo. Aponta a autora que, além delas, há a restrição de interpretação de propriedade. Segundo a autora, “mais precisamente, na interpretação das estruturas médias, há uma relação de ‘propriedade’ entre o sujeito e o predicado verbal: o que o predicado verbal assevera é uma propriedade intrínseca da entidade representada pelo sujeito gramatical/objeto lógico.”. Essa visão está de acordo com o que se apresenta também em Fellbaum & Zribi-Hertz (1989). Segundo estas autoras, é a interpretação de propriedade um dos aspectos convergentes entre as construções médias do inglês e as construções médias pertencentes às línguas românicas. Já construções ergativas não se caracterizam pelo realce de uma propriedade intrínseca, mas pela interpretação eventiva.

Fagan (1988, p.200/201) relaciona a interpretação de propriedade ao caráter genérico das construções médias, ou seja, assume a posição de que tal propriedade é indiferente ao tempo. Para a autora, em uma sentença do tipo *This book reads easily* (Esse livro lê facilmente), o que se exprime é o fato de a atividade de leitura do livro geralmente ser realizada facilmente, independentemente de quem a realiza. É *This book*, objeto temático, que possui a propriedade de poder ser lido facilmente.

Ao se expor as construções médias em contraste com as construções ergativas, obtém-se um paralelo de propriedades convergentes e divergentes interessante¹⁴. Para uma ergativa como *A louça quebrou*, pode-se afirmar: a) há interpretação eventiva; b) não exige a presença de modificador; c) tema na posição de sujeito; d) não-genérica, é usada para descrever eventos particulares; e) usada no presente progressivo, no imperativo e possui pretérito com interpretação pontual; f) não há realização sintática de agente. Já para uma construção média como *A louça quebra fácil*, pode-se afirmar: a) há interpretação não-eventiva; b) exige a presença de modificador; c) tema na posição de sujeito; d) é uma declaração genérica que não descreve eventos particulares no tempo; e) pelo expresso em *d)*, é incompatível com o presente progressivo, com o imperativo e com o pretérito com interpretação pontual; f) não há realização sintática do agente.

Quanto à não realização sintática do agente, tanto para as construções médias quanto para as ergativas, é necessário ressaltar que, nesse trabalho, assumir-se-á a posição de que faz parte do conjunto de propriedades de estruturas médias e de estruturas ergativas a propriedade de agente implícito que, embora não na posição de sujeito da sentença, pode ser sintaticamente realizado, por exemplo, por um sintagma causativo/agentivo. Para tanto, a noção de agente que se adota é a contida em Dowty (1991), segundo a qual agente é (também) aquilo que causa determinado evento ou causa mudança de estado em outro participante.

Dowty (1991) considera o traço volição para determinar o papel temático agente, e é por este traço que se define se o agente é mais ou menos prototípico. Para um agente menos prototípico, o traço pode, inclusive, ser inexistente/apagado. Assim, em uma sentença como

¹⁴ Esse paralelo é formado a partir de Fagan (1988) e Keyser & Roeper (1984). Cada uma das propriedades apresentadas acima será retomada nas seções posteriores.

a)?*Esse copo quebrou com Maria* há restrições na aceitabilidade que podem estar relacionadas ao fato de *Maria* ter a forma de um agente mais prototípico, que reúne todas as propriedades de agente, inclusive volição. Por outro lado, em sentenças como b) *A roupa secou com o vento*, não há problemas quanto à aceitação ou gramaticalidade da sentença, pois o sintagma *com o vento* não apresenta volição, mas é a causa da mudança de estado que sofre *a roupa* e isso o caracteriza como sintagma agentivo, de acordo com Dowty (1991).

Da mesma forma, sobre a restrição para realização de um agente na posição de adjunto em construções como a) e b), acima, Moura e Marrafa (2005) avaliam que: “if the agentive is less prototypical and the action carried out is unintentional, it can be realized as the adjunct of an inchoative¹⁵ construction; otherwise, if the agentive is more prototypical and the action carried out is intentional, it can not be realized in an inchoative construction.”¹⁶

Fellbaum & Zribi-Hertz (1989)¹⁷ afirmam que, quando há agente implícito, para construções médias esse agente tende a ser mais animado, enquanto para construções ergativas tende a ser menos animado. O que se observa nos casos de um agente realizado por *for phase* é, por outro lado, que, para construções médias do português, este agente tende a ser [-animado] – sem o traço volição: menos prototípico, portanto.

(14) *Esse prato quebra fácil com choque térmico.*

(15) *?Esse prato quebra fácil com Maria.*

¹⁵ Mantém-se, para o termo *inchoative*, a tradução *incoativo*, que nesta pesquisa equivaleria às construções ergativas.

¹⁶ “...se o agentivo for menos prototípico e a ação contida for menos intencional, aquele pode ser realizado como adjunto de uma construção incoativa; por outro lado, se o agentivo for mais prototípico e a ação contida for intencional, aquele não pode ser realizado em uma construção incoativa.”

¹⁷ As autoras restringiram-se às construções médias do inglês e do francês.

Em termos de uma análise sintática, outras hipóteses são possíveis (relacionados por Rodrigues (1998)), ainda que não sejam consideradas neste trabalho. Uma delas diz respeito ao papel temático de agente estar apagado da grade temática do verbo; outra considera o papel de agente como integrante da grade temática, mas não projetado sintaticamente; outra considera a existência de um clítico abstrato que absorve o agente; e, finalmente, há uma última que avalia que o papel de agente é realizado na sintaxe através de uma categoria vazia PRO. Diante de todas as propostas para tratamento da não realização sintática do agente, o que se assume é a posição semântica de que há, tanto para médias quanto para ergativos, agente implícito e que este pode ser realizado por meio de sintagma causativo/agentivo, como nas sentenças *A roupa secou com o vento* e *A roupa seca fácil com o vento*. As discussões em torno desse fenômeno não serão prolongadas, pois a teoria do Léxico Gerativo (Pustejovsky, 2005), que dará suporte à análise que se proporá, apresentará nova perspectiva quanto à não realização sintática do agente, tanto para as construções médias quanto para as ergativas.

2.1.2 As construções médias e as construções ergativas¹⁸

Conforme Keyser & Roeper (1984, p. 382), no caso do inglês, “the ergative/middle contrast is apparently obscure to some speakers of English”¹⁹. A explicação para a dificuldade em distinguir as duas construções pode estar no fato de muitos verbos figurarem nos dois conjuntos (podem formar tanto construções médias quanto ergativas), como demonstram os exemplos dos autores.

(16) The bottle broke. – ergativa. / (A garrafa quebrou.)

(17) The bottle breaks easily. – média. / (A garrafa quebra facilmente.)

Os autores avaliam também que o fato de algumas construções médias derivarem da contraparte transitiva das ergativas, conforme ilustrado abaixo, torna-as, na avaliação dos falantes, mais aceitáveis que construções médias formadas com verbos não-ergativos, como ocorre em (21) e (22), que são menos toleradas pelos falantes que (20):

(18) The driver moved the car. / (O motorista moveu o carro.)

(19) The car moved. / (O carro moveu.)

(20) The car moves easily. / (O carro move facilmente.)

(21) The chickens kill easily. / (As galinhas abatem facilmente.)

¹⁸ Os exemplos utilizados nesta seção foram retirados e/ou adaptados de Keyser & Roeper (1984).

¹⁹ O contraste ergativo/média é aparentemente obscuro para alguns falantes do inglês.

(22) The bureaucrats bribe easily. / (Os burocratas subornam facilmente.)

(23) *The chickens killed. / (*As galinhas abateram.)

Pelo que se apresenta em Keyser & Roeper (1984), tanto as construções médias quanto as ergativas são subjacentemente representadas por um objeto que figura na posição de sujeito – o que já se apresentou nas seções anteriores, no que concerne às estruturas médias. Entretanto, as ergativas derivam no léxico, enquanto aquelas derivam na sintaxe²⁰. Ainda que, no atual trabalho e no que se refere às construções médias, não se assuma exatamente essa posição²¹, seguem as colocações dos autores acerca da distinção que se estabelece entre médias e ergativas.

No exemplo (18), acima, o sujeito da sentença é o próprio argumento externo do verbo que recebe o papel temático de agente. Em (19) e (20), o sintagma que ocupa a posição de sujeito da sentença é o argumento interno do verbo que recebe o papel temático de tema. Trata-se, portanto, do objeto temático do verbo figurando na posição de sujeito. No caso de sentenças ergativas e médias, o agente, implícito, não pode ser realizado sintaticamente, o que não é o caso de estruturas passivas que podem conter um sintagma preposicional agentivo, como *pelo motorista* em *O carro foi movido pelo motorista* – conforme já se discutiu anteriormente, essa afirmação enfrenta contra-exemplos como *A roupa secou com o vento* e *A roupa seca fácil com o vento*, similares à passiva do português *A roupa foi secada com o vento/pelo vento*.

²⁰ Contrariamente, Fagan (1988) argumenta que médias são lexicais, ou seja, derivam no léxico.

²¹ Assume-se, provisoriamente, a posição presente em Fagan (1988) de que médias são lexicalmente derivadas.

Diante disso, é perceptível a presença de um agente implícito em médias; a propriedade destacada do objeto é apresentada com este na posição de sujeito da sentença, sem, contudo, explicitar o papel temático de agente. Observe-se:

(24) A porta abre fácil.

(25) A porta é aberta facilmente (pelas crianças).

De acordo com o que se afirma em (24), é fácil para alguém – agente implícito – abrir a porta. A construção passiva, em (25), traz essa mesma interpretação de que a porta é facilmente aberta por alguém, muito embora a estrutura seja distinta.

Outra evidência presente no par de sentenças acima é a necessidade de a construção média ocorrer com advérbio, ao passo que a passiva e as construções ergativas não o exigem. Conforme Keyser & Roeper (1984), é uma característica especial das médias o fato de deverem ocorrer com advérbios e são eles que induzem a uma *leitura média*, já que deixam implícito um agente.

(26) A porta abriu. (interpretação ergativa)

(27) A porta abre facilmente. (interpretação média)

(28) A porta é aberta (facilmente). (interpretação passiva)

(29a) * O piso limpa.

(29b) O piso limpa facilmente. (interpretação média)

As sentenças acima demonstram que a gramaticalidade das construções médias depende da presença/ausência do modificador. Tal modificador, conforme Rodrigues

(1998), pode apresentar características tão variadas dentro de sua categoria que seria inviável a definição de uma classe única que se aplique às construções médias. Para a autora²², embora sejam mais usuais exemplos de construções médias envolvendo modificador, tais construções podem ocorrer, no inglês, também com o uso de modal epistêmico, um acento contraste (sobre o verbo ou sobre o sujeito), ou com *do* enfático. Conforme se observa em (30a-d):

(30a) This book could sell. / (Esse livro pode vender.)

(30b) ?Bureaucrats BRIBE. / (*Burocratas SUBORNAM.)

(30c) ?CHICKENS kill. / (*GALINHAS abatem.)

(30d) ?This bread DOES cut. / (?Esse pão corta.)

Mais um ponto relevante levantado por Keyser & Roeper (1984) diz respeito ao fato de as construções médias serem apontadas como sentenças genéricas, cujo conteúdo se refere a algo que é geralmente verdadeiro, a exemplo de (31), abaixo. Nota-se que, em decorrência de seu caráter genérico, (31) não é capaz de descrever um evento específico no tempo, o que torna (32) pouco aceitável, uma vez que (32) é marcado com o pretérito e possui interpretação pontual:

(31) Grego traduz facilmente.

(32) ? Na aula passada, segundo Sarah, grego traduziu facilmente.

²² Que se baseia em: ROBERTS, I. (1987) **The representation of implicit and dethematized subjects**. Dordrecht, Foris.

Se as construções médias não referem eventos específicos no tempo, esse não parece ser o caso das construções ergativas, conforme atestam (33) e (34). Sendo assim, sentenças ergativas podem ocorrer em construções imperativas e vocativas ((35) e (36)) e progressivas ((37)); médias não admitem nenhum desses casos ((38) e (39), (40)).

(33) O barco afundou, segundo o noticiário.

(34) Há poucos instantes, a porta fechou.

(35) Afunda, barco!

(36) Fecha, porta!

(37) O barco está afundando

(38) * Limpa, piso!

(39) * Traduz, grego!

(40) ? Grego está traduzindo.

A agramaticalidade que se verifica em (38) e em (39) e a restrição na aceitabilidade de (40) constituem um forte indício de que a marcação temporal é refutada nas sentenças genéricas. Logo, construções médias serão momentaneamente consideradas, conforme Keyser & Roeper (1984), incompatíveis aspectualmente com o pretérito com aspecto pontual, com o presente contínuo (aspecto durativo) e com o modo imperativo.

Fagan (1988, p. 183) reconhece nas construções médias uma forte proximidade com os verbos de estado, pois são não-eventivas. Assim, Fagan justifica a refutação da marcação temporal nas sentenças genéricas a partir da característica estativa: “Verbs that describe events, for example, can be put into the progressive because they refer to a situation in

which something happens, that is, to a situation where some sort of change takes place; an event is typically made up of a number of successive changes”.²³

2.2 Keyser & Roeper (1984): Por um tratamento sintático das construções médias

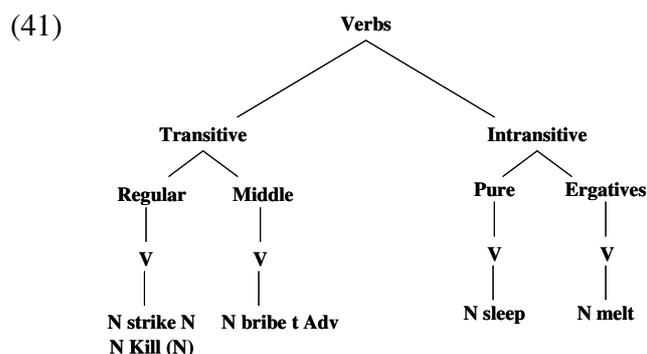
Ao propor um tratamento sintático para médias e um tratamento lexical para os ergativos, Keyser & Roeper (1984, p.382) assumem a posição de que o verbo médio é lexicalmente transitivo e que sua estrutura é derivada na sintaxe, ao contrário dos verbos ergativos, que são lexicalmente intransitivos e sofrem formação ao nível lexical. “In brief, middle pairs are generated by a syntactic rule of Move α and are therefore transitive while in the lexicon. On the other hand, the ergative pairs are generated by a lexical rule of Move α and therefore have both a transitive and an intransitive form in the lexicon.”²⁴

Como comprovação do tratamento dispensado pelos autores às médias como sintaticamente transitivas e às ergativas como intransitivas, Keyser & Roeper (1984) apresentam os seguintes argumentos: *first sister incorporation* (incorporação do primeiro nóculo irmão) nas formas verbais compostas; partícula *away* com interpretação de repetição; prefixação com *out*; *deletion and stranding of prepositions* (literalmente: apagamento e abandono de preposições). Diante desses argumentos, a taxionomia em seqüência é proposta pelos autores para representar estruturas como *John Kills* (João mata -

²³ Verbos que descrevem eventos, por exemplo, podem ser flexionados no progressivo porque se referem a uma situação na qual alguma coisa aconteceu, isto é, a uma situação em que um grupo de mudanças toma lugar; um evento é tipicamente composto por um número de sucessivas mudanças.

²⁴ Em poucas palavras, pares médios são gerados por uma regra sintática Mova α e são, portanto, transitivos no nível lexical. Por outro lado, os pares ergativos são gerados por uma regra lexical Mova α e, portanto, possuem uma forma transitiva e uma intransitiva no nível lexical.

com objeto implícito, mas não realizado sintaticamente), intransitivas puras (comumente tratadas pelo termo *inergativas*), médias e ergativas:



2.2.1 Incorporação do primeiro nóculo irmão

A formação de compostos verbais do inglês é viabilizada pela regra *first sister incorporation* (incorporação do primeiro nóculo irmão) que, ao considerar as entradas lexicais dos verbos, subcategoriza seus argumentos e desloca o primeiro elemento à direita do verbo para a esquerda, assim, o argumento subcategorizado pelo verbo será o argumento deslocado, segundo Rodrigues (1998).

Keyser & Roeper (1984, p.392), ao relacionarem construções médias com a formação dos compostos verbais, objetivam demonstrar que médias são resultado da regra sintática $MOVA \alpha$. Por essa razão, as médias abaixo são gramaticais se construídas da forma composta expressa em (43a-d), mas agramaticais se construídas da forma expressa em (44a-d).

- (42a) Bureaucrats bribe easily. / (Burocratas subornam facilmente.)
- (42b) The wall paints easily. / (A parede pinta facilmente.)
- (42c) Chickens kill easily. / (Galinhas abatem facilmente.)
- (42d) The floor waxes easily. / (O chão limpa facilmente.)
- (43a) bureaucrat-bribing / (suborno de burocrata)
- (43b) wall-painting / (pintura de parede)
- (43c) chicken-killing / (o ato de matar/abater galinhas)
- (43d) floor-waxing / (lavagem de chão)
- (44a) *easily-bribing bureaucrats / (burocratas facilmente subornáveis)
- (44b) *easily-painting wall / (parede facilmente pintável)
- (44c) *easily-killing chicken / (galinha facilmente abatível)
- (44d) *easily-waxing floor / (chão facilmente lavável)

Pelo que os autores puderam constatar, as estruturas médias em (42a-d) apresentam na posição de sujeito gramatical o argumento interno do verbo, deslocado. Assim como nos casos de médias, o deslocamento do argumento à direita do verbo para à esquerda só se realiza nos exemplos de compostos verbais presentes em (43a-d), ao passo que os compostos verbais em (44a-d) o mantêm na posição à direita, disso resulta sua agramaticalidade. Nas palavras dos autores, os compostos verbais em (43a-d) “are well-formed since the first element of each is, in fact, a first sister of the following verb in its lexical subcategorization frame.”²⁵ Já os compostos em (44a-d) “are not well-formed since

²⁵ (...) são bem formados já que o primeiro elemento de cada um é, de fato, o primeiro irmão do verbo seguinte em sua grade de subcategorização lexical.

their first element is not a first sister”²⁶. Finalmente, as construções médias presentes em (42a-d) “cannot be the input to the lexical Compound Rule if, as we argue below, they are only formed in the syntax.”²⁷

Diferentemente, a ocorrência dos casos expressos em (45a-c), em que ergativos formam compostos sem que o primeiro elemento à esquerda do verbo seja o argumento que, subjacentemente, encontrava-se à direita dele, demonstra que as construções ergativas derivam de uma operação mover α que lexical, não sintaticamente, desloca o argumento interno do verbo para a posição de sujeito:

(45a) The boat sinks fast. → the fast-sinking boat

(O barco afunda rápido. → o barco de afundamento rápido)

(45b) The pill acts fast. → the fast-acting pill

(A pílula age rápido → a pílula de ação rápida)

(45c) The plane flies low. → the low-flying plane

(O avião voa baixo → o avião de vôo baixo)

2.2.2 Partícula *away* com interpretação de repetição

A forma como as construções médias e ergativas se comportam diante do uso associado à partícula *away*, de acordo com Keyser & Roeper (1984), constitui uma

²⁶ (...) não são bem formados já que seu primeiro elemento não é um primeiro irmão.

²⁷ (...) não podem servir de input para a regra lexical de composição se, assim como argumentamos abaixo, elas são apenas formadas na sintaxe.

evidência consistente de que as ergativas são lexicais. Baseando-se nas definições de Willians (1980), os autores levam em conta que quando a partícula *away* está associada a verbos intransitivos, isso significa repetição, já quando está associada a transitivos, recebe interpretação unicamente de direção.

Com a análise das sentenças em (46) abaixo, é possível constatar que, em estruturas ergativas, *away* pode receber interpretação tanto de direção quanto de repetição. Entretanto, (47) demonstra que, com interpretação de repetição, a partícula *away* torna estruturas médias agramaticais.

(46a) The ships are sinking away. /

(Os navios estão afundando.)

(46b) Bones are fracturing away everywhere you look. /

(Ossos estão fraturando em todo lugar para onde você olhe.)

(47a) *The bureaucrats bribe away easily. /

(*Os burocratas subornam fácil e repetidamente.)

(47b) *The chickens kill away easily. /

(*As galinhas abatem fácil e repetidamente.)

A constatação de que a partícula *away* em estruturas médias não pode receber interpretação de repetição é utilizada pelos autores para reforçar a afirmação de que estas estruturas são transitivas, enquanto as ergativas são lexicalmente intransitivas e podem ocorrer nos dois usos de *away*, tanto como advérbio transitivo quanto como advérbio intransitivo.

2.2.3 Prefixação out

Na regra de prefixação com *out*, Keyser & Roeper²⁸ encontram mais um argumento para manter a posição de que a formação das ergativas é lexical e das médias é sintática. Essa regra forma transitivos a partir de intransitivos e de transitivos como *John kills*, com objeto zero. Como verbos ergativos podem sofrer derivação prefixal com *out*, Keyser & Roeper concluem que são intransitivos desde o léxico; por outro lado, verbos formadores de estruturas médias rejeitam a derivação prefixal com *out*, o que atestaria que são lexicalmente transitivos.

(48) John outran Bill. / (John ultrapassou Bill.)

(49) John outkilled Fred. / (John matou mais que Fred.)

(50) The basketball outbounced the baseball. / (O basquete ultrapassou o beisebol. –
idéia de que o basquete tornou-se a preferência)

(51) *Trees outplant flowers easily. /

(*Árvores plantam mais que flores facilmente.)

(52) *Bureaucrats outbribe managers easily. /

(*Burocratas subornam mais que gerentes facilmente.)

²⁸ Baseando-se nas discussões de: BRESNAN, J. (1981) **The passive in lexical theory**. MIT Occasional Paper nº 7, Center for Cognitive Science, MIT, Cambridge, Massachusetts.

Em (48), o prefixo *out* cria, a partir do verbo *run*, intransitivo puro (inergativo) para Keyser & Roeper, o transitivo *outran*, que significa ultrapassar alguém, não fisicamente, mas no trabalho ou nos estudos, por exemplo. Já em (49), que se poderia traduzir como *John matou mais que Fred*, o transitivo *outkilled* é formado a partir de um transitivo com objeto zero; (50) não possui nenhuma restrição para formar o transitivo, *outbounced*, derivado de estrutura ergativa. Finalmente, (51) e (52) ilustram, por serem ambas agramaticais, a restrição de estruturas médias para a derivação prefixal com *out*, o que reforça o argumento dos autores de que médias são lexicalmente transitivas.

2.2.4 Apagamento e *preposition stranding*²⁹

Keyser & Roeper abordam, na consideração desse último argumento, a reanálise sintática que permite *preposition stranding*. Apresentam a passiva como um dos casos em que *preposition stranding* é tolerado, pois, em se tratando de reanálise, pode-se incluir em formações passivas preposição.

(53) His bed wasn't [_v slept in]. / (*Sua cama não foi dormida em.)

Mas a passiva constitui uma formação sintática, ocorre que regras lexicais não toleram inclusão de preposição, assim, estruturas derivadas por regras lexicais apagam a

²⁹ Optou-se por manter os termos em inglês, nesta seção, por se julgar não haver ainda uma tradução adequada destes para o português. Alguns autores, como Rodrigues (1998), traduzem *preposition stranding* por *abandono de preposição*, termo que não parece contemplar totalmente o sentido do original em inglês.

preposição, a exemplo do item lexical *laughable* (digno de riso), derivado de estruturas como *I laughed at Bill* (Eu ri de Bill), que não poderia assumir a forma **laughable*.

Os autores consideram que estruturas médias com apagamento de preposição são menos aceitáveis que médias que apresentam *preposition stranding*, como é o caso de (54) e (55):

(54) ?John laughs at easily. / (Ri-se de João facilmente.)

(55) *John laughs easily. / (John ri facilmente.)

(56) *The room broke into. / (*A sala transformou-se em.)

Já construções ergativas resultam agramaticais se se inclui preposição, pelo que demonstra (56). Essa é a última evidência de que Keyser & Roeper (1984) dispõem para comprovar que médias e ergativas são diferentemente derivadas; aquelas, por um processo sintático, o que possibilita a inclusão de preposição e não tolera seu apagamento, estas por um processo lexical que, a exemplo das formações nominais, não admite *preposition stranding*.

2.3 Fagan (1988): Por um tratamento semântico das construções médias

Contrariamente ao que propõem Keyser & Roeper (1984), Fagan (1988) argumenta que tanto construções médias quanto ergativas são lexicalmente derivadas; o que diferencia uma estrutura de outra, para a autora, é o argumento semântico de que aquelas são estativas, enquanto ergativas são eventivas. O tratamento de médias e de ergativas como sendo ambas

sintaticamente intransitivas está em desacordo com os argumentos de Keyser & Roeper (1984) apresentados anteriormente. A autora propõe operações distintas para a formação das duas estruturas: médias apresentam atribuição de *arb* ao argumento externo e externalização do tema (realização sintática do tema na posição de argumento externo); ergativas apresentam apagamento do argumento externo e externalização do tema.

O termo *arb*, citado acima, é a abreviação de *arbitrary* e representa as características que identificam o grupo de propriedades referidas como interpretação arbitrária para um determinado objeto. Quando se afirma, por exemplo, que um argumento é [+humano] ou [+genérico], faz-se atribuição de *arb* a ele. Ao se reconhecer a aplicação de *arb* ao argumento externo de verbos formadores de construções médias, reconhece-se que o argumento possui uma característica que é imanente a ele, a saber, a característica [+genérico], que autoriza a saturação desse argumento. Por essa razão, segundo Fagan (1988), através da regra *Assign arb to the external θ -role* (Atribuição de *arb* ao papel temático externo), o agente de médias é lexicalmente saturado, não sintaticamente, daí advém a não realização sintática do agente na posição de argumento externo de verbos envolvidos em construções médias.

Segundo as operações definidas por Fagan para a formação das construções médias e das ergativas, a formação daquela embutiria uma interpretação genérica e agente implícito, por outro lado, a formação das ergativas não embutiria agente implícito e a interpretação seria não-genérica. Além disso, a autora elimina a noção de apagamento de papéis que Keyser & Roeper (1984) atribuem à formação das estruturas médias, mas a mantém para a formação das ergativas.

É justamente o tratamento estativo que Fagan dispensa às construções médias que justifica seu comportamento diante de restrições sintáticas como: formação de compostos verbais, prefixação com *out*, formação com partícula *away* como advérbio intransitivo (leitura de repetição) e apagamento de preposição ou *preposition stranding*. Para Fagan, é uma evidência a favor do caráter estativo de médias o fato de sofrerem as mesmas restrições sintáticas que verbos de estado.

Quanto à formação de compostos verbais, a argumentação de Keyser & Roeper (1984) para a agramaticalidade de (44a-b), repetidas em (57a-b), é o fato de o primeiro elemento à esquerda do verbo não ser o seu argumento interno que, segundo a grade temática, havia sido movido de sua direita. Para Fagan (1988, p.186), os exemplos em (57a-b) são construções com um advérbio modificando um adjetivo gerundivo e não compostos verbais. Já que médias são construções estativas, não podem ser compatíveis com adjetivos gerundivos e disso resulta a agramaticalidade de (57a-b), uma explicação semântica, portanto. Essa distinção é estabelecida com base no fato de verbos intransitivos de estado não estarem disponíveis para a formação de tais adjetivos, levando a uma incompatibilidade entre esses verbos e adjetivos gerundivos; logo, a construção em (58) também resulta agramatical. “What remains to be accounted for, then, is the fact that middle verbs cannot be used to form adjectives with the suffix *-ing* (...) only intransitives – not transitives – allow gerundive adjectives”.³⁰

(57a) *easily-bribing bureaucrats / (burocratas facilmente subornáveis)

(57b) *easily-painting wall / (parede facilmente pintável)

³⁰ O que resta ser considerado, então, é o fato de que verbos médios não podem ser usados para formar adjetivos com o sufixo *-ing* (...) somente intransitivos – não transitivos – permitem formação de adjetivos.

(58) *The sufficing-rations. (These rations will suffice.) /

(Rações que bastam. (Essas rações bastarão.))

Sobre as formações médias com o uso da partícula *away* com interpretação de repetição, Fagan (1988, p.190) as considera agramaticais por depender a interpretação de repetição da partícula de uma sucessão de eventos, como médias são estativas, não podem ocorrer com a leitura repetitiva: “we saw that middle verbs do not describe specific events. They do not describe actions, but states. The particle *away*, on the other hand, cannot be used in the repetitive or continuative sense with stative verbs.”³¹. Assim, essa incompatibilidade não está presente somente nas construções médias, mas também nas construções que envolvem verbos de estado, como ilustram (59) e (60):

(59) *He stank away. / (Ele fedia sempre.)

(60) *She belonged away. / (*Ela pertenceu sempre.)

O mesmo se constata no caso da prefixação com *out*, segundo Fagan (1988, p.191), essa prefixação é sensível a outras estruturas além das transitivas anunciadas por Keyser & Roeper (1984). Verbos estativos, por exemplo, rejeitam a prefixação ((61) e (62)). Como o caráter não-eventivo das construções médias as aproxima de construções com verbos estativos, é possível assumir como referência para verbos que formam médias o

³¹ (...) nós vimos que verbos médios não descrevem eventos específicos. Eles não descrevem ações, mas estados. A partícula *away*, por outro lado, não pode ser usada no sentido repetitivo ou continuativo com verbos estativos.

comportamento da prefixação com *out* para verbos estativos, que é a seguinte: “not all intransitives permit out Prefixation. In particular, stative verbs cannot undergo this rule”³².

(61) *His advice outmattered ours. / (Seu aviso importou mais que os nossos.)

(62) *Her car outcost mine. / (Seu carro custou mais que o meu.)

Com base também no fato de médias serem mais tolerantes a apagamento de preposição e a *preposition stranding* que construções ergativas, Keyser & Roeper (1984) afirmam que médias são sintáticas e ergativas são lexicais. Entretanto, Fagan avalia que este não é um argumento confiável para se opor processo sintático *versus* processo semântico.

A fim de rebater este último argumento de Keyser & Roeper (1984) para a transitividade das construções médias, Fagan considera, com fins comparativos, as construções passivas. A autora observa que construções passivas, que são sintaticamente transitivas, não apresentam qualquer restrição quanto a *preposition stranding*, conforme (63). Já construções médias, como constatado em (64), possuem restrição de aceitabilidade. Fagan afirma que se as construções médias fossem sintaticamente transitivas, deveriam tolerar *preposition stranding* com a mesma facilidade que as construções passivas; para a autora, essa é mais uma evidência de que médias são lexicais.

(63) John was laughed at. / (Riram do John.)

(64) ?The room breaks into easily. / (O quarto em que se entra facilmente.)

³² (...) nem todos os intransitivos permitem prefixação com *out*. Em particular, verbos estativos não podem sofrer essa regra.

Ao concluir suas considerações, Fagan afirma ser crucial a caracterização de estruturas médias como genéricas, pois nela reside o entendimento das diferenças entre *middles* e *ergatives*. Segundo o que já se discutiu, médias não descrevem eventos, o que fazem é atribuir propriedades a objetos, as quais são mantidas indiferentemente ao tempo. Resumidamente, Fagan comprova que a característica não-eventiva de médias é que as torna pouco suscetíveis a certos processos lexicais, como a formação de adjetivos gerundivos e a prefixação com *out*. Isso decorre da incompatibilidade de tais processos com as propriedades aspectuais dos itens lexicais. Ergativos servem de input a esses processos por serem eventivos.

Fagan avalia que, como esses processos são sensíveis tanto a aspectos sintáticos quanto semânticos, não podem servir de suporte para que se assumam posições conclusivas acerca do status sintático de médias, como o fizeram Keyser & Roeper (1984); a autora acredita que as evidências encontram-se em outro lugar.

No que diz respeito ao processo de *preposition stranding*, é justamente a inabilidade de médias com preposições abandonadas que sugere que aquelas não envolvem movimento, são, sim, derivadas unicamente do léxico. A diferença que há entre tais construções e as ergativas está, ainda, na presença do modificador adverbial, mais uma explicação que pertence à semântica da construção. Aliás, o estudo das construções médias representa, para Fagan, mais uma demonstração de que se tem maiores chances de compreender os fenômenos lingüísticos quando não se ignora a complexa interação que há entre características sintáticas e semânticas.

2.4 Definindo construções médias e construções ergativas

Com base na discussão teórica que se fez, já é possível inferir que o tratamento semântico proposto por Fagan (1988) para construções médias é o que mais se aproximou do estudo que aqui se configurará. Por essa razão, assumir-se-á, parcialmente, a posição de Fagan (1988) quanto à definição de construções médias e, posteriormente, proceder-se-á à representação e enriquecimento dessa posição através do tratamento destas estruturas com base no formalismo do Léxico Gerativo – que sustentará a proposta de tratamento polissêmico de verbos genérico-mediais/ergativos/transitivos.

Conforme já se verificou, Fagan (1988) define médias pelo argumento semântico da estaticidade e afirma que essas construções são lexicalmente derivadas. Dessa maneira, uma construção média precisa, necessariamente: a) ter agente (seja um agente animado, um instrumento ou uma causa natural) implícito (*Esse edredom lava fácil*) ou expresso por uma *for phase* (*Esse edredom lava fácil pela ação do novo jato d'água*)³³; b) possuir interpretação de propriedade intrínseca; c) leitura genérica; d) pelo caráter estativo, possuir as mesmas restrições sintáticas de verbos de estado; e) exigir realização sintática de modificador; f) ocorrer no presente (para manter na interpretação de genericidade). Os critérios expressos de a) a f) serão parâmetros adotados nesse trabalho para seleção de construções médias para discussão, entretanto, serão questionados, cada um a seu turno.

³³ Conforme já se apresentou, na posição de argumento externo, não é possível realizar o agente de uma construção média, pois essa posição argumental é lexicalmente saturada, mesmo os casos em que o agente é realizado por *for phase* são pouco produtivos.

Também por esses parâmetros serão diferenciadas construções ergativas de médias, o que favorece o recorte e a seqüência de análise. Primeiramente, porque construções ergativas são eventivas, o que, para a bibliografia que trata do assunto, caracteriza-as como distintas de médias e dá um enfoque totalmente diferente do que se pretende propor para a interpretação destas. Além disso, nos casos de sentenças ergativas, não há realce de propriedade intrínseca do tema na posição de sujeito. Finalmente, como são eventivos, verbos ergativos não estão sujeitos às mesmas restrições sintáticas a que estão sujeitos os verbos estativos e os verbos médios.

Então, para a bibliografia que até aqui se apresentou, construções médias e construções ergativas se distinguem claramente. Keyser e Roeper (1984) consideram que as ergativas derivam no léxico e são intransitivas, enquanto médias derivam na sintaxe e são transitivas. Já Fagan (1988) considera que ambas as construções são lexicalmente derivadas, entretanto, a derivação ocorre de forma distinta. Nas ergativas, há apagamento do argumento agente e externalização do tema; nas médias, há externalização do tema, mas não apagamento de agente: em médias há atribuição de *arb* ao argumento agente. Em acordo com Fagan, nesta pesquisa, sustenta-se a derivação lexical tanto para construções ergativas quanto para médias, mas, ao contrário do que diz a autora, não se admite que essa derivação ocorra por processos distintos. Reconhece-se, antes, o mesmo processo de formação e derivação lexical para ambas as construções, o qual será descrito mais à frente, na primeira parte do capítulo de análise. A explicação para a alternância média/ergativa, no âmbito deste trabalho, está reservada a aspectos semânticos e composicionais envolvidos nas duas construções.

Por essas razões, no capítulo de análise desta pesquisa, propriedades apresentadas para caracterizar médias e ergativas serão reanalisadas com base na teoria do LG e, a partir

da hipótese de que a alternância média/ergativa/transitiva é uma questão de polissemia e a partir da consideração de outras/novas questões que possivelmente impliquem sobre construções médias e sobre construções ergativas, propor-se-á um novo tratamento para essas construções. Passa-se, agora, à apresentação da teoria do LG.

2.5 A Proposta do Léxico Gerativo

Léxico Gerativo (doravante LG) é um modelo de semântica lexical apresentado e desenvolvido em Pustejovsky (1995). Esse modelo consiste em uma possibilidade de explicitar formalmente a composicionalidade da semântica dos itens lexicais, tanto em suas ocorrências isoladas quanto em ocorrências de combinação em contextos. O intuito do trabalho de Pustejovsky é dar conta do uso criativo do léxico em novos contextos; para tanto, o autor constrói um modelo de estudo destinado à composicionalidade lexical enriquecida, objetivando formar uma representação formal da linguagem que capture a natureza gerativa da criatividade lexical e o fenômeno da extensão de sentido, além de oferecer um tratamento unificado para o fenômeno da polivalência, mudança de tipos e polissemia regular. Por esse olhar, o comportamento de um item lexical como *janela*, por exemplo, que pode significar tanto abertura quanto objeto físico (*A janela é amarela* ou *Passsei pela janela*), é explicado por meio de um único formalismo.

Pustejovsky (1995) se opõe, principalmente, à teoria SEL (sense-enumeration lexicon), que consiste em listar de forma descritivista e não-estruturada as possibilidades dos sentidos lexicais. Em boa parte do trabalho, apresenta críticas a essa teoria que, segundo ele, não dá conta de todas as ocorrências lexicais, nem mesmo serve para

embasamento científico, já que não delimita o objeto de estudo como fenomenológico, apenas lista e enumera, num “léxico de enumeração dos sentidos”, itens lexicais com base em um conjunto finito de traços distintivos. O principal problema das teorias SEL, para Pustejovsky, está no tratamento de palavras polissêmicas (que podem apresentar diferentes sentidos de acordo com a combinação sentencial em que estão) por meio de listagens em que o mesmo léxico aparece várias vezes, justamente para marcar as diferentes possibilidades de sentido. Assim pode ser ilustrado o estudo lexical das teorias SEL:

(65) peixe₁: para se referir à carne de peixe

(66) O prato principal do jantar era peixe assado.

(67) peixe₂: para se referir ao peixe como animal

(68) Esse aquário é o ideal para o meu peixe.

As teorias SEL, embora nada práticas e econômicas, vêm sendo adotadas por trabalhos lingüísticos e/ou computacionais. Conforme Viotti (2003, p.232), a preferência por elas se deve ao fato de se ter “a vantagem de ser um ponto de referência fixo que interage com outros componentes da gramática, como a sintaxe e a semântica, de maneira previsível e bem-comportada”.

Contudo, Pustejovsky (1995, p.39) avalia que esse modelo lexical não é adequado para a descrição das línguas naturais nem para o tratamento da polissemia lógica, que é um tipo de *ambigüidade complementar*. Há *ambigüidade complementar* nos casos tradicionais de polissemia, quando diferentes sentidos são manifestados a partir do significado básico de um item lexical. A *ambigüidade complementar* pode ser dividida em duas: aquela em que a palavra se mantém na mesma categoria lexical e aquela em que há mudança de categoria. A

polissemia lógica, por sua vez, é o tipo de *ambigüidade complementar* que não provoca mudança de categoria lexical e na qual os sentidos são dependentes e compartilhados (exemplo: *jornal* (objeto físico), *jornal* (informação), *jornal* (instituição) entre outros sentidos possíveis para *jornal*).

O modelo SEL apenas é satisfatório na análise da ambigüidade contrastiva, ou seja, na análise dos casos de homonímia, quando dois sentidos distintos e sem relação entre si são representados pela mesma forma lexical (exemplo: *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa)). Isso porque o modelo não comporta:

- a) O uso criativo das palavras: verificado através da análise da ocorrência de palavras em diferentes contextos, assumindo novos sentidos.
- b) A permeabilidade de sentidos das palavras: trata-se de uma espécie de relação entre os léxicos, em que sentidos de palavras se sobrepõem uns aos outros, e ainda, fazem referência a outros sentidos da mesma palavra.
- c) A expressão de diferentes formas sintáticas: a possibilidade de se expressar o mesmo sentido de palavra através de realizações sintáticas distintas.

Então, para tratar da composicionalidade das expressões enriquecidas pelos contextos e pelas combinações de uma sentença, Pustejovsky desenvolveu o LG, teoria que consiste em um modelo que decompõe o léxico de forma estruturada e não pela distinção por conjuntos de traços semânticos. Não enumera, mas relaciona os sentidos em uma composição dos significados lexicais.

Para atingir essa estruturação e capturar o significado lexical, a informação lexical ganha os seguintes níveis de representação: estrutura argumental, estrutura de evento,

estrutura qualia e estrutura de herança lexical. A interpretação composicional das palavras em diferentes contextos é causada por mecanismos gerativos que ligam as estruturas argumental, de evento, qualia e de herança lexical entre si. Assumir o modelo de Pustejovsky significa assumir que o léxico é altamente estruturado e seu sentido é dependente de relações de composição com outros léxicos ou expressões.

2.5.1 Estrutura Argumental

Parte importante da investigação de Pustejovsky sobre a semântica das palavras, a estrutura de argumento é uma espécie de classificação ou explicitação do tipo e do número de argumentos lógicos relacionados a determinado item lexical. Essa estrutura ilustra, ainda, como os argumentos são realizados sintaticamente. Conforme Pustejovsky (1995), uma das contribuições recentes mais importantes da gramática foi o reconhecimento de que a estrutura de argumentos é altamente organizada, independentemente da sintaxe da sentença e que, para uma palavra, a estrutura de argumento pode ser vista como especificação básica (o autor usa o termo “mínima”) de sua semântica lexical.

Assumindo que embora não seja apenas a estrutura de argumento suficiente para que se caracterize a semântica lexical de uma palavra (seja um nome ou um verbo), Pustejovsky afirma que é um forte componente, determinante da co-composicionalidade. Conforme o que se encontra em Aragão Neto (2003), isoladamente, a estrutura de argumento não apreende a caracterização semântica dos itens lexicais, mas faz-se necessária para tal. Pustejovsky (1995, p. 63) introduz uma diferenciação entre quatro tipos de argumento(s) de um item lexical e os classifica da seguinte forma:

- a) Argumentos verdadeiros: são obrigatórios. Nos casos em que não são explicitados nem podem ser recuperados pelo contexto, sua ausência torna a sentença agramatical. Num exemplo como *Ele já comprou as frutas da ceia*, não há como tirar *frutas da ceia* da sentença sem que se cause prejuízos à interpretação, uma vez que o contexto também não especifica o argumento que a semântica lexical do verbo *comprar* exige.
- b) Argumentos default: são opcionais, estão implícitos nas palavras. Não sendo obrigatória sua realização sintática, a utilização fica a critério da necessidade (comunicativa) de os explicitar. Quando se informa *João construiu uma casa com/de madeira*, o argumento *com/de madeira* é opcional, já que o verbo *construir* pressupõe a existência ou utilização de algum material e a explicitação do que se utilizou se justificaria, por exemplo, se fosse necessário deixar claro que a casa não é de alvenaria.
- c) Argumentos sombreados: são parte do significado de determinado item lexical, assim, sua explicitação é desnecessária se não vierem acompanhados por um especificador, pois seus sentidos são acionados de forma instantânea pela composição lexical. Quando se afirma *João paleou a areia para fora do carro com uma pá*, a realização do argumento *com uma pá*, que está contido no sentido do verbo *palear*, causa estranheza semântica. O que não ocorre se a ele

se relacionar qualquer especificador aceitável semanticamente, como em *João paleou a areia para fora do carro com uma pá nova*.

- d) Adjuntos verdadeiros: são expressões de modificação temporal ou espacial que atuam nas sentenças nessas dimensões. Uma informação adjunta não faz parte dos itens lexicais da sentença, mas para classificá-la como adjunta, não basta apenas analisar as modificações espacial e/ou temporal, pois em sentenças como *A professora chegou cedo à escola*, *cedo* indica circunstância temporal e é um adjunto, mas *escola* indica circunstância espacial e é argumento verdadeiro de *chegar*. Já em *A professora chegou cedo à sala na escola*, *escola* é adjunto verdadeiro da sentença e *sala* argumento verdadeiro de *chegar*.

Para tais classificações argumentais, encontra-se o seguinte exemplo de estrutura argumental em Pustejovsky (1995, p.67), em que o verbo construir pode apresentar três argumentos, sendo que um é default: um indivíduo agentivo, um artefato e o material para produção do artefato (D-ARG₁):

$$(69) \left[\begin{array}{l} \text{Construir} \\ EA = \left[\begin{array}{l} \text{ARG}_1 = \text{indivíduo animado} \\ \text{ARG}_2 = \text{artefato} \\ \text{D-ARG}_1 = \text{material} \end{array} \right] \end{array} \right]$$

2.5.2 Estrutura Qualia

A qualia (inspirada nos moldes de explanação de Aristóteles analisados em Moravcsik (1975)) apresenta as propriedades essenciais de um item lexical e, possivelmente, possa ser tratada como o maior ganho proposto pelo LG para um modelo de semântica lexical que assegure a estruturação e a criatividade nos usos lexicais. A fim de definir o conteúdo semântico, exprime as relações entre os argumentos do predicado e os subeventos por meio de quatro papéis qualia³⁴:

- a) Quale constitutivo: trata da relação entre um objeto e suas partes constituintes (a exemplo da meronímia) e envolve propriedades como partes constituintes, peso, material etc.
- b) Quale formal: distingue um item lexical em um domínio maior (a exemplo da hiperonímia e da hiponímia) e envolve propriedades como cor, forma, dimensão, posição, magnitude etc. De acordo com o quale formal, os itens lexicais podem ser classificados em dois tipos: *tipo simples*, quando o valor do quale formal é o mesmo do argumento (cadeira: obj_físico, mulher: humano); *tipo complexo (ou tipo pontuado)*, quando o valor do quale formal é uma soma de argumentos de tipos distintos (livro: obj_físico.informação).

³⁴ Pustejovsky, 1995, p. 77.

- c) Quale télico: referente ao propósito e à função de um item lexical (bolo → para comer, abridor → para abrir, livro → para ler). Também pode ser dividido em dois tipos: *télico direto*, quando o papel télico do item lexical expressa um predicado que especifica uma ação direta que contempla o propósito do agente ao realizá-la, como é o caso do télico *ler* de *livro*, representado na matriz abaixo; *télico proposital*, presente nos artefatos utilizados para a realização de determinada atividade, quando têm como (único) objetivo facilitar a atividade (para canivete: cortar, para livro: informar).
- d) Quale agentivo: estabelece os fatores envolvidos na origem do objeto, como a relação entre criação e criador, se é artefato ou classe natural e cadeia causal.

Dois pontos ainda são ressaltados por Pustejovsky como relevantes para a estrutura. O primeiro é a afirmação de que todas as categorias expressam uma estrutura qualia, o segundo é a consideração de que nem todos os itens lexicais carregam um valor para cada papel qualia. Para fins de exemplificação, um item lexical como *livro*, que pode significar tanto conteúdo informativo quanto objeto físico, tem a seguinte estrutura qualia:

$$(70) \quad \left[\begin{array}{l} \text{Livro} \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{Formal} = x.y \text{ (objeto.informação)} \\ \text{Constitutivo} = x \text{ conter } z \text{ (} z = \text{páginas, capa, etc.)} \\ \text{Télico} = a \text{ ler } x.y \text{ (} a = \text{leitor)} \\ \text{Agentivo} = b \text{ escrever } x.y \text{ (} b = \text{escritor)} \end{array} \right] \end{array} \right]$$

É em função dessa estrutura que se pode compreender e representar de forma estruturada a composicionalidade de léxicos logicamente polissêmicos, como *livro*, frente sentenças do tipo *Maria começou o livro*, em que se pode ter tanto um quale télico (z ler x.y, ou seja, *Maria começou a ler o livro*) quanto um quale agentivo (z escrever x.y, ou seja, *Maria começou a escrever o livro*). Além dos qualia agentivo e télico, ainda há o formal e constitutivo que, em *livro*, marcam, respectivamente, a concomitância entre objeto físico e informação e a composição física do item lexical.

2.5.3 Estrutura de Evento

Serve à caracterização do tipo básico de evento expresso por um item lexical, além de organizar a estrutura interna do evento. Na estrutura de eventos, a organização ocorre por subeventos que, segundo o LG, são ordenados temporalmente (especificação da anterioridade ou simultaneidade dos eventos) ou por proeminência relativa (nesse caso, um dos subeventos pode ser marcado como núcleo da estrutura de evento, o que acentua sua importância ao lhe dar destaque de subevento proeminente na relação, como em *Fábia matou as galinhas* ($e_1^* < e_2$)).

As classes de eventos podem ser de três tipos: processo, estado e transição. No caso do *evento de processo*, há indicação do começo de uma atividade sem final específico, não há determinação de duração nem de objetivo final, como em *Mateus corre todas as manhãs* ($e_1 =$ processo). O *evento de estado* mantém o estado dos argumentos durante o intervalo temporal do evento, marca um evento pontual e homogêneo, como em *Emanuel sabe as melhores respostas* ($e_1 =$ estado). Já no *evento de transição*, os argumentos, além de

sofrerem a ação temporal, como conseqüência, mudam de estado, há início e conclusão definidos, como em *Andréia e Sarah chegaram* (e_1 : transição).

Na formalização das relações temporais de subeventos, é utilizada a representação formal “<” para referir relação de anterioridade, a representação “o” para referir dois subeventos simultâneos e a representação “<o” para referir subeventos simultâneos, mas que não tenham iniciado juntos. É utilizada, ainda, a representação “*” (ou núcleo) para marcar a proeminência de um subevento. Assim, por exemplo, o verbo *construir* apresenta dois subeventos, um é o processo de construir e o outro é a conclusão do processo, nesse caso o primeiro subevento é claramente anterior ao segundo, assim como núcleo do evento matriz. O verbo *acompanhar* é um bom exemplo de simultaneidade, enquanto o verbo *caminhar* exemplifica a simultaneidade da iniciação e do próprio processo, mas marca, claramente, a primeira com início anterior ao segundo.

Reorganizando e exemplificando a revisão teórica do que se diz no parágrafo anterior, as relações temporais ordenadas entre subeventos são:

- a) Parte ordenada exaustiva de ($<_a$): ocorre entre dois subeventos ordenados temporalmente (e_1 e e_2) que são partes de um evento matriz (e_3), em que e_1 é anterior a e_2 . O caso de *construir*, apresentado acima e demonstrado abaixo, ilustra adequadamente essa relação.

$$(71a) \quad \left[\begin{array}{l} \text{Construir} \\ EE = \left[\begin{array}{l} E_1 = \text{processo} \\ E_2 = \text{estado} \\ \text{Restr} = <_{\alpha} \\ \text{Núcleo} = E_1 \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(71b) Eric e Sarah construíram seus brinquedos.

- b) Parte sobreposta exaustiva de (\circ_{α}): ocorre quando dois subeventos (e_1 e e_2) são totalmente simultâneos (caso de *acompanhar*).

$$(72a) \quad \left[\begin{array}{l} \text{Acompanhar} \\ EE = \left[\begin{array}{l} E_1 = \text{processo} \\ E_2 = \text{processo} \\ \text{Restr} = \circ_{\alpha} \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(72b) Mateus acompanhou Sarah ao baile.

- c) Sobreposição ordenada exaustiva ($\langle \circ_\alpha$): ocorre com dois subeventos (e_1 e e_2) aparentemente simultâneos, mas que, em alguma das fases do evento matriz e_3 , e_1 é anterior a e_2 (caso de *caminhar*).

$$(73a) \quad \left[\begin{array}{l} \text{Caminhar} \\ EE = \left[\begin{array}{l} E_1 = \text{processo} \\ E_2 = \text{processo} \\ \text{Restr} = \langle \circ_\alpha \end{array} \right] \end{array} \right]$$

(73b) Emanuel caminhou o dia todo.

A marcação de proeminência de subevento está presente, nas matrizes acima, apenas em *construir* em que se destaca como subevento núcleo de e_3 o processo e não o estado final: $[e_1^* \langle_\alpha e_2]$. Embora não explicitado na matriz anterior, para o verbo *acompanhar* há marcação de núcleo em ambos os subeventos, pois são e_1 e e_2 totalmente simultâneos, recíprocos: $[e_1^* \circ_\alpha e_2^*]$. Finalmente, para o verbo *caminhar* a marcação de núcleo é $[e_1^* \langle_\alpha e_2]$, em que o processo inicial (e_1) que dá origem ao subsequente (e_2) é proeminente na subespecificação do evento matriz.

Nos casos em que não ocorre a marcação proeminente de subevento, ou seja, em que não há determinação de qual dos subeventos do evento matriz é nuclear, há o que se chama de polissemia verbal, em que a não marcação nuclear dos sentidos lógicos de verbos

polimórficos viabiliza suas diferentes interpretações. É o processo de subespecificação do núcleo do evento matriz. Quer dizer, nos casos em que não há marcação de proeminência entre e_1 e e_2 , pode-se especificar ora e_1 ora e_2 como núcleo, cada qual com leitura distinta. Essa é a contribuição da estrutura de evento para o tratamento de verbos polimórficos como *secar*, abaixo, em que (74) marca como núcleo o resultado (a roupa seca) e (75) marca como núcleo o processo, destacando o causador do resultado, *o sol*:

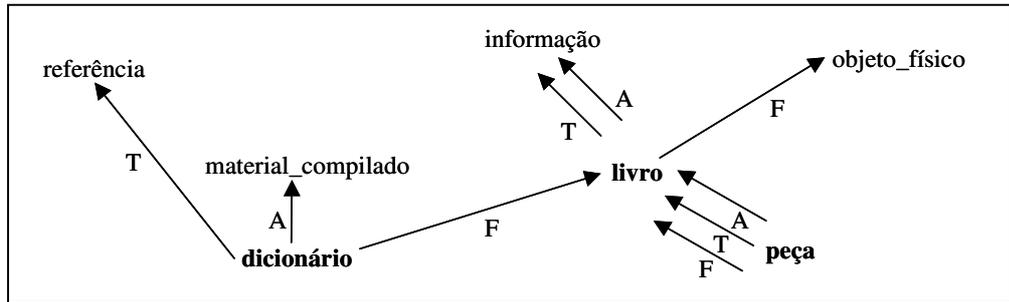
(74) A roupa secou toda na manhã. [$e_1 < e_2^*$]

(75) O sol secou a roupa toda na manhã. [$e_1^* < e_2$]

2.5.4 Estrutura de Herança Lexical

A função da estrutura de herança lexical é revelar como itens lexicais distintos mantêm relação entre si. Ao se pensar a estrutura do léxico geral, dividida em muitas outras pequenas estruturas, organizadas e relacionadas, o que se deseja explicitar é uma grade geral constituída de relações entre subgrades que são, por sua vez, constituídas por itens lexicais relacionados entre si. Para constituir uma estrutura de herança lexical, é necessário que os itens lexicais relacionados nela tenham qualia em comum, por onde haverão de interagir. Pustejovsky (1995, p. 145) exemplifica com a grade de tipo ilustrada abaixo, formada a partir da interação dos qualia de *livro*, *peça* e *dicionário*.

(76)



A interação entre os itens lexicais, acima ilustrada, ocorre a partir do quale télico, representado por *T*, quale formal, representado por *F* e quale agente, representado por *A*. Tanto *peça* quanto *dicionário* apresentam a possibilidade formal de serem livros, ainda que o caráter télico da primeira seja a leitura e do segundo seja a consulta; em conseqüência, os três itens lexicais denotam informação e têm a forma de objeto físico.

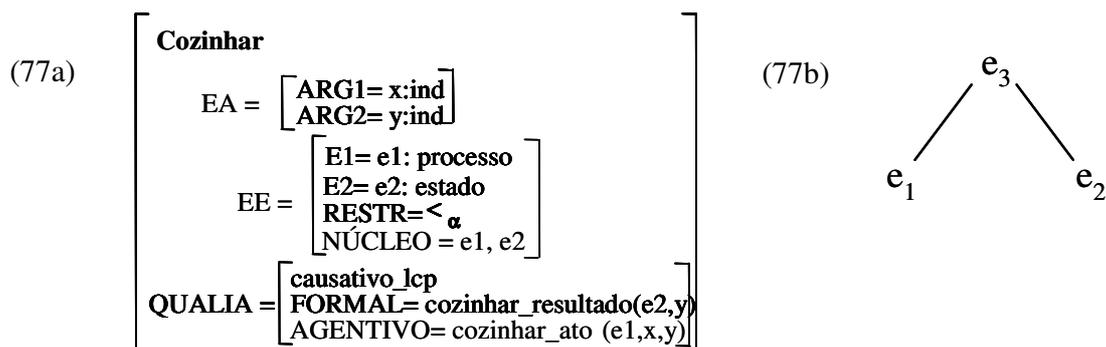
3 POR UM TRATAMENTO POLISSÊMICO PARA A ALTERNÂNCIA MÉDIA/ERGATIVA/TRANSITIVA: FORMAÇÃO E DERIVAÇÃO DESTAS CONSTRUÇÕES³⁵

Este item propõe-se a investigar se verbos alternantes entre construções médias, ergativas e transitivas podem ter seu comportamento sintático explicado através do caráter polissêmico do verbo. Para tanto, verbos alternantes serão analisados de acordo com seu tipo semântico, mais especificamente, de acordo com sua estrutura de eventos – nível de representação presente na matriz dos itens lexicais.

Segundo Pustejovsky (1995), há verbos que são especificados (núcleo eventivo definido) e verbos que não o são. Com isso, determinadas estruturas de evento possuem a marcação de subevento proeminente determinada enquanto outras não possuem. Quando não se pode pré-definir qual dos subeventos do evento matriz é o nuclear, evidencia-se a possibilidade de realizações polissêmicas do verbo cuja estrutura de eventos é não especificada. Verbos como *saber* e *usar* são especificados (possuem marcação de subevento matriz em sua estrutura de evento), até porque aquele apenas denota estado e este apenas denota processo (há apenas um subevento que só pode ser o núcleo). Já diante de um verbo como *cozinhar*, não é possível de se especificar previamente quanto ao núcleo do evento matriz. Como causativo, *cozinhar* é definido pela conjunção de dois eventos (e_1 e e_2) cuja restrição é por ordenação seqüencial, em que e_1 processo é sempre anterior a e_2

³⁵ Os textos base para o que se propõe como análise da polissemia lógica neste item são, primeiramente Pustejovsky (1995) e, complementarmente, Bassac & Bouillon (2002).

resultado final. Além disso, não há marcação fixa de núcleo, tanto o evento que denota o ato de cozinhar quanto o outro que denota um estado final podem ser nucleados. Observe-se a matriz em (77a) e a estrutura de eventos em (77b):



Há, para *cozinhar*, um ato de ‘cozimento’ marcado pelo qualia agentivo e o estado final de ‘cozido’ marcado pelo qualia formal. Com e_1 (ato de cozimento) interage mais diretamente o argumento x (correspondente ao agente), com e_2 (estado final) interage mais diretamente o argumento y (correspondente ao tema), sendo que ambos os subeventos estão referenciados no atributo núcleo, que fica, assim, subespecificado. É pelo tipo semântico do verbo *cozinhar* (causativo_lcp) que se define seu comportamento sintático. Como tanto e_1 quanto e_2 podem funcionar como núcleo de e_3 , o verbo pode ser alternante entre uma construção sintática que exprima como núcleo do evento o ato de cozimento e uma construção sintática que exprima como núcleo do evento o estado final. Isso advém da possibilidade de e_1 ou e_2 serem nucleados, logo, também estruturas que coloquem em evidência e_1 ou e_2 são realizáveis sintaticamente. Em uma construção do tipo (78a), o evento-núcleo do evento matriz é e_2 estado final, assim como em uma construção do tipo

(78b); já para uma transitiva do tipo (79), o evento-núcleo do evento matriz é e_1 processo – mais à frente será mais bem discutida a alternância $e_1 \rightarrow e_2$.

Nesses termos, revela-se a possibilidade de alternância entre construções médias, ergativas e transitivas, conforme (78a-b) e (79), previsíveis pela matriz em (77a):

(78a) Verificar com cuidado se está cozido, pois **o peixe cozinha rápido**.³⁶

(78b) O peixe cozinhou.

(79) Sarah cozinhou o peixe.

Em uma construção como (78a-b), o que está em evidência é o **estado final** de estar ‘cozido’, sendo marcado como proeminente o estado resultante do ato de cozinhar e não o ato em si. Em (78a-b) o subevento e_2 é nucleado e, assim, realizado sintaticamente, ao contrário do que ocorre em (79), em que a marcação nuclear recai sobre e_1 , que denota o ato de cozinhar (ocorre que em (78a-b) o quale formal é acionado na estrutura qualia do verbo *cozinhar*, já em (79) o quale agentivo é acionado).

Afirma-se que, em (78a-b), o ato de cozinhar está sombreado, enquanto em (79) o estado final, resultante do ato de cozinhar, está sombreado. Essa alternância de subevento está relacionada à projeção de argumentos nas construções. Observa-se que em (78a-b), em que o estado final está em evidência, o argumento que ocupa a posição de sujeito da sentença é o argumento y , tema. Enquanto em (79), em que o processo está em evidência, o argumento que ocupa a posição de sujeito da sentença é o argumento x , agente. Essa é uma evidência de que tanto em construções médias e em ergativas quanto em construções

³⁶ <http://www.riototal.com.br/bocaboa/rec016.htm>, acesso em 03/10/2005.

transitivas tem-se o mesmo verbo *cozinhar*, mas com destaque para facetas distintas de seu sentido, o que caracteriza a polissemia.

Esse comportamento semântico parece ser produtivo para o verbo *cozinhar*, conforme atestam as sentenças de (80) a (83), nas quais *cozinhar* apresenta o mesmo uso de (78a):

(80) A água permanece líquida, acima de 100° C e, em virtude da alta temperatura, **os alimentos cozinham mais rápido**.³⁷

(81) As lojas de comida natural estão vendendo **um novo tipo de lentilha**, cor-de-rosa. Sem casca, **cozinha rápido** e tem sabor mais suave que o grão marrom.³⁸

(82) **A mandioca** tem sua época certa de ser colhida (...), assim ela **cozinha rápido** e desmancha.³⁹

(83) **O arroz cozinha mais rápido**, se ficar de molho meia hora em água fria.⁴⁰

Além dos casos mostrados com *cozinhar*, também os verbos *absorver*, *derramar*, *dissolver*, *vestir*, *lavar* e *girar* alternam entre médias e suas contrapartes transitivas. A estrutura de eventos complexa e sem evento pré-marcado como proeminente desses verbos possibilita a alternância aos moldes do que ocorre com *cozinhar*. Observam-se os casos abaixo:

³⁷ <http://educar.sc.usp.br/quimapoio/propried.html>, acesso em 04/10/2005.

³⁸ http://geocities.yahoo.com.br/reluz_2004/receitas.html, acesso em 03/10/2005.

³⁹ <http://agrofloresta.net/fotos/farinha/index.htm>, acesso em 03/10/2005.

⁴⁰ <http://www.luzinete.com.br/dicas.php?P=18>, acesso em 03/10/2005.

- (84) Olá, a textura do creme é mais concentrada, mas (o creme) **absorve rápido**, o cheiro é o mesmo do creme tradicional.⁴¹
- (85) Por que **o leite facilmente derrama** do recipiente em que se faz ferver?⁴²
- (86) Um sal como o **cloreto de sódio**, nosso velho sal de cozinha, **dissolve bem** em água e a solução é transparente.⁴³
- (87) **A camisa pólo**, depois de celebrizada por Lacoste, tem seu espaço garantido nos momentos casual. Além disso, é confortável e **veste bem**.⁴⁴
- (88) Para essa roupa interna de luxo, o melhor tecido é o **bom crepe ‘Georgette’**, que **lava bem** e é durável.⁴⁵
- (89) **Um tecido** que resiste bem ao sol, água doce e salgada, **lava bem** e só tem vantagens.⁴⁶
- (90) O TWIST **um caiaque pequeno**, mas muito estável que **gira fácil** na superfície.⁴⁷
- (91) **O carro gira fácil** com a tração integral nas 4 rodas.⁴⁸

Por outro lado, verbos que não possuam uma estrutura de eventos complexa, considerados de tipo simples, não alternam entre construções médias, ergativas e transitivas, conforme pode ser visualizado nas matrizes abaixo, nas quais se observa que *saber* e *usar*, em sua estrutura de eventos, contêm apenas um subevento que é realizado

⁴¹ <http://produto.mercadolivre.com.br/jm/item?act=showMoreQuestionsNS4&site=MLB&id=32789923>, acesso em 04/10/2005

⁴² http://www.feiradeciencias.com.br/sala02/02_045.asp, acesso em 03/10/2005.

⁴³ <http://www.fisica.ufop.br/fdec/especiais/espec1.htm>, acesso em 03/10/2005.

⁴⁴ http://vocesa.abril.uol.com.br/aberto/online/012002/376_1.shl, acesso em 03/10/2005.

⁴⁵ http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/moda_19jan1930.htm, acesso em 03/10/2005.

⁴⁶ <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/guardian/capitulo3.htm>, acesso em 03/10/2005.

⁴⁷ <http://www.encontroradial.com.br/noticias.asp?ass=Caiaque%20TWIST&cod=43>, acesso em 03/10/2005.

⁴⁸ <http://autodynamics.com.br/video01.html>, acesso em 03/10/2005.

sintaticamente de forma transitiva (se a estrutura de eventos apresentar apenas um subevento, este só pode ser o núcleo do evento matriz do verbo) .

$$(92) \left[\begin{array}{l} \mathbf{saber} \\ EA = \left[\begin{array}{l} \text{ARG1= x:ind} \\ \text{ARG2= y:ind} \end{array} \right] \\ EE = \left[\begin{array}{l} \text{E1= e1: estado} \end{array} \right] \\ QUALIA = \left[\begin{array}{l} \text{estativo_lcp} \\ \text{FORMAL= saber(e1,x,y)} \end{array} \right] \end{array} \right]$$

$$(93) \left[\begin{array}{l} \mathbf{usar} \\ EA = \left[\begin{array}{l} \text{ARG1= x:ind} \\ \text{ARG2= y:ind} \end{array} \right] \\ EE = \left[\begin{array}{l} \text{E1= e1: processo} \end{array} \right] \\ QUALIA = \left[\begin{array}{l} \text{processo_lcp} \\ \text{FORMAL= usar(e1,x,y)} \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Os exemplos (94) e (95) (adaptados de Bassac & Bouillon (2002, p.39)) evidenciam a agramaticalidade de sentenças produzidas com *saber* e *usar* com leitura média. Tal agramaticalidade resulta do fato de que esses verbos, nas construções de (94) e (95), em que não se projetam sintaticamente dois argumentos, não realizam sintaticamente agente. *Saber*, além de ter uma estrutura de eventos simples, é apresentado no quale formal com uma relação entre dois argumentos. Processos como *usar*, igualmente, são apresentados pelo quale formal e expressam uma relação entre dois argumentos. Havendo, para esses

verbos, apenas um subevento, este constitui o núcleo especificado e exige a realização sintática dos argumentos *x* e *y*, sem margem para alternância polissêmica entre construções médias, ergativas e transitivas (no caso de *Este carro se usa facilmente*, há leitura média e ocorre o apagamento do agente, mas é indispensável o marcador medial *se*, esse tipo de construção não integra o recorte de análise desta pesquisa, além disso, mantém-se a agramaticalidade da contraparte ergativa **Carro usou* o que afeta a alternância estudada).

(94) Eu sei latim. \Rightarrow *Latim sabe bem. \Rightarrow *Latim soube.

(95) Eu uso o carro. \Rightarrow *O carro usa facilmente. \Rightarrow *O carro usou.

É necessário que se destaque o fato de a mesma explicação que se deu anteriormente servir para explicar tanto a alternância média/transitiva quanto a alternância ergativa/transitiva, logo, o que se desenvolveu acerca da estrutura de eventos dos verbos alternantes não é suficiente para que se dê conta de todos os processos de alternância de forma distinta, pois não diferencia a alternância média/ergativa, explica apenas a alternância destas com relação à transitiva.

Para que se sustente o tratamento polissêmico que se desejaria propor para as três formas de alternância, faz-se necessário que na matriz do verbo seja possível prever o comportamento verbal em todos os contextos (em construções transitivas, em construções médias e em construções ergativas), portanto, será preciso apurar mais detalhadamente as diferenças entre médias e ergativas, já que a matriz esboçada em (77a) não é capaz de diferenciar ergatividade e genericidade medial. Como se apresenta em (77a), a matriz não diferencia a média em (96) da ergativa em (97), além disso, dá a ambas a mesma explicação

para a alternância com a transitiva (o que já seria o suficiente para sustentar a polissemia de verbos genérico-mediais/transitivos ou ergativos/transitivos):

(96) Por que **o leite facilmente derrama** do recipiente em que se faz ferver?⁴⁹

(97) O leite derramou facilmente.

(96) e (97) tratam de um estado final, ou seja, nos dois casos ocorre proeminência de e_2 , enquanto e_1 está em segundo plano. É perceptível, no entanto, que apesar de se tratar do mesmo estado final, há diferenças quanto a características da construção. Em (96) o que se afirma é a propriedade de *o leite* poder atingir o estado final ‘derramado’ (expressa-se uma potencialidade), já em (97) o que se afirma é que tal estado foi atingido, houve transição, mudança de um estado para outro; resumidamente, (96) indica uma possibilidade de ocorrer a transição de um estado para outro, ao passo que (97) indica a própria transição

O que vem à tona, então, é a realização de (96) e (97) pelo acionamento de um mesmo “aspecto” do verbo, o quale formal, presente na matriz do verbo “derramar”. Conforme já se discutiu, é pelo quale formal que se expressa a especificação de e_2 – estado final. Neste ponto, já se pode considerar a alternância média/transitiva e a alternância ergativa/transitiva como resultado da polissemia envolvida nas formações sintáticas com verbos subespecificados quanto ao núcleo eventivo. Contudo:

- i. Como explicar a alternância média/ergativa?
- ii. Como explicar que certos verbos formadores de construções ergativas também servem à formação de construções médias?

⁴⁹ http://www.feiradeciencias.com.br/sala02/02_045.asp, acesso em 03/10/2005.

- iii. Como falantes percebem construções médias e as diferenciam de ergativas (se as diferenciam)?

É perceptível que a expressão de uma *mudança de estado efetivamente ocorrida* (pelas ergativas) e a expressão de uma *potencialidade de mudança de estado a ocorrer* (pelas médias) não são as únicas diferenças entre as duas construções. Em todos os exemplos coletados até este ponto, os casos de construção média ocorrem na presença de modificador, possuem leitura genérica para o agente implícito do fato expresso pelo verbo, possuem interpretação de propriedade intrínseca do tema que figura na posição de sujeito e estão no tempo verbal presente.

O que se intenciona, agora, é discutir se essas características (sustentadas pela bibliografia, como Keyser & Roeper (1994) e Fagan (1988)) são realmente pertinentes na caracterização das construções médias, bem como qual delas (ou se todas elas) pode contribuir para que se estabeleça o parâmetro diferenciador entre construções médias e ergativas.

Esta pesquisa, já distanciada do que propuseram Keyser & Roeper (1984) e Fagan (1988) para explicar a alternância média/ergativa, não admite explicações puramente sintáticas ou explicações puramente lexicais para essa alternância. A matriz lexical de verbos que servem às duas construções já prevê na estrutura de eventos do item lexical a possibilidade de alternar – fruto da não especificação do evento núcleo – e esse processo é pré-sintático. Por outro lado, apenas a explicação lexical não foi suficiente para que se descrevesse a alternância entre médias e ergativas, logo, uma descrição adequada à alternância das construções inicia em sua formação, mas, de maneira alguma, restringe-se a

ela. Acredita-se que a resposta está, como supunha Fagan (1988), em outro lugar, está na consideração dos aspectos semânticos e composicionais de ambas as construções.

4 ANÁLISE DAS PROPRIEDADES DITAS DIFERENCIADORAS ENTRE CONSTRUÇÕES MÉDIAS E CONSTRUÇÕES ERGATIVAS

A primeira característica a se discutir aqui é a restrição a ocorrer no presente simples para as construções médias. Em seguida, será investigado o aspecto verbal envolvido em ambas as construções (médias e ergativas). Também será questionada a presença do modificador como exigência para a boa formação das construções médias. E, por fim, serão analisadas a genericidade do agente e a propriedade intrínseca do tema envolvidas nas formações médias, pontos que, já de antemão, apontam-se como centrais na análise de ergativas e de médias.

4.1 *Tempo* em construções médias: a princípio, uma restrição ao presente

Nesta seção, o ponto relevante ao qual se deve atentar é a diferença de tempo verbal entre médias e ergativas e a restrição apontada pela bibliografia àquelas. Afirma-se que construções médias, por seu status atemporal e genérico, são sempre produzidas no presente, por outro lado, construções ergativas podem assumir a forma no pretérito, com interpretação pontual. Fagan (1988) considera que essa é uma saliente diferença entre médias e ergativas, já que, para a autora, médias são tipicamente restritas ao presente simples, despontam para uma interpretação genérica e não descrevem eventos particulares no tempo, justamente o oposto das construções ergativas.

Fagan (1988) avalia que esse comportamento das construções médias não é surpreendente, já que o presente simples é o tempo utilizado para expressar sentenças atemporais, como é o caso das genéricas, conforme (98a-c) retiradas de Fagan (1988, p.196):

(98a) Uma vaca come feno.

(98b) Uma vaca está comendo feno.

(98c) Uma vaca comeu feno.

A genericidade de (98a) não se mantém no presente com aspecto durativo de (98b), tampouco no pretérito com aspecto pontual de (98c). Isso permite afirmar que a genericidade é sensível a restrições de tempo e aspecto, o que parece reforçar o fato de construções médias não ocorrerem no presente progressivo, no modo imperativo e não possuírem pretérito com interpretação pontual – discussão que se retornará, criticamente, nas seções posteriores.

Apesar dos fatores convergentes entre estruturas como (98a) e construções médias, a genericidade destas construções não parece ser da mesma natureza da genericidade de (98a). Em construções médias como (99), que pode ser parafraseada por (100), a genericidade recai sobre o agente implícito e não sobre o sujeito superficial, como ocorre em (98a).

(99) Esse livro lê facilmente.

(100) Pessoas, em geral, podem ler esse livro facilmente.

Apesar disso, há o fato de tanto para médias quanto para sentenças genéricas no geral a genericidade estar ligada ao presente simples. Segundo Reichenbach (1947)⁵⁰, o tempo presente é estabelecido por uma relação entre três momentos que coincidem: momento de fala, momento de referência e momento do evento ($MF=MR=ME$), a partir dos quais fica evidente a relação de simultaneidade que há entre o momento de fala e o momento de evento.

No caso de sentenças no presente, mas sem um valor temporal determinado, ou seja, atemporais, a genericidade parece ser favorecida pelo fato de o momento de referência e o momento do evento coincidirem sempre e serem simultâneos ao momento de fala. Poder-se-ia afirmar do seguinte modo: para uma sentença no tempo verbal presente, seu momento de referência e seu momento de evento serão sempre verdadeiros e simultâneos; independentemente de quando enunciados, coincidirão com o momento de enunciação. Dito dessa forma, parece mais clara a relação que o tempo verbal presente mantém com a interpretação genérica (favorecendo-a) e porque tende a ser usado para expressá-la, uma vez que construções genéricas são definidas como afirmações verdadeiras a qualquer tempo.

Ainda que não utilize a denominação *atemporal* nem trate de forma específica das sentenças com interpretação genérica, Reichenbach (1947) sustenta que quando se quer expressar não duração nem repetição, mas uma validade permanente, usa-se o tempo presente. A exemplo, quando se diz que *Dois mais dois são quatro*, o presente marcado na

⁵⁰ Ao se referir aos três momentos (momento do evento, momento de fala e momento de referência), Reichenbach propõe uma explicação para o presente real. No caso do presente atemporal, consideram-se, nesta pesquisa, as explicações do autor sem intenção de distinguir entre o momento de fala deste e daquele, tendo em vista a validade permanente de fatos expressos atemporalmente.

forma *são* expressa que *Dois mais dois são quatro em qualquer tempo*, e isso representa uma outra (nova) função temporal para o presente: marcar generalizações.

Soares (1984)⁵¹, ao expor as dimensões temporais, divide-as em planos e perspectivas. O tempo verbal que corresponde ao presente simples do indicativo pertence, nessa divisão, ao plano atual (em que também está o pretérito perfeito), no qual “as ações são vistas num primeiro plano, mais afirmativas, categóricas” (p. 51). Esse plano se opõe ao inatual, no qual, contrariamente, as ações são colocadas em segundo plano e vistas como expressando, geralmente, condições, circunstâncias.

De acordo com essa posição, sentenças médias e ergativas podem estar no mesmo plano atual, diferenciadas, por aquelas possuírem a particularidade do presente de exprimir generalidades – tempo verbal também chamado *respectivo* ou *paralelo*, pois contém o ponto de referência (SOARES, 1984, p. 53). Além disso, a perspectiva paralela mostra as ações do presente como cursivas, o que pode ser considerado um valor aspectual secundário (e também pode favorecer as generalizações no tempo verbal presente) e não propriamente um valor lingüístico e será retomado na seção destinada às diferenças de aspecto entre sentenças médias e ergativas.

Ainda Soares (1984, p. 71) caracteriza o presente do indicativo por exprimir⁵²: **(a)** uma ação habitual: *Eu acordo às 7h*; **(b)** característica estável ou permanente do sujeito: *A água ferve a 100°C*; **(c)** ação que se desenvolve no momento da fala: *Piquet ultrapassa Lauda*; **(d)** ação que deve se dar em um momento posterior ao da fala (uso figurado):

⁵¹ Que se baseia em: COSERIU, E. (1980). Aspect verbal or aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode. IN: DAVID, J.; MARTIN, R. (ORG). **Recherches Linguistiques**. Metz, Centre D'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. p. 13-25.

⁵² O que se apresenta na seqüência é uma relação de funções refletidas na forma verbal do presente, portanto, uma enumeração dos usos do tempo verbal presente. Neste trabalho não se objetiva aprofundar todas as funções que se associam às construções médias, mas apresentá-las com o intuito de propor uma descrição satisfatória da formação destas construções a ponto de fornecer evidências de como os falantes as percebem e as diferenciam (se as diferenciam) das construções ergativas.

Amanhã vou a São Paulo; **(e)** ação que se desenrola em um tempo que é passado em relação ao momento da fala (outro uso figurado): *Em 1500, o povo português descobre o Brasil*; **(f)** uma ação com duração considerável, que inclui o passado e o momento de fala: *E o emprego que você procura há um ano?*; **(g)** ação acabada no mesmo momento em que é nomeada: *Passo!* (jogo de cartas); **(h)** hipótese, em uma oração subordinada (comum aos usos coloquiais): *Se você faz isso ele vai se sentir no direito de fazer também*; **(i)** além de ser usado mais tecnicamente em resumos, descrições, marcações para teatro, para repassar instruções ou regras.

Dentre os usos do presente do indicativo acima transcritos, parece estar envolvido na genericidade de sentenças médias apenas *(b)*: característica estável ou permanente do sujeito. Contudo, conforme já se exemplificou anteriormente em (99) e (100), sentenças médias exprimem uma característica intrínseca do objeto temático na posição de sujeito, o que está de acordo com o uso *(b)* do presente, mas diferem de sentenças genéricas em geral por apresentarem leitura genérica para agente implícito e por não exprimirem genericidade para o objeto temático. Mas não seria difícil encontrar usos como *Cerâmica lustra facilmente* ou *Aipim cozinha melhor na pressão*, nos quais a genericidade parece estar disponível também para o objeto temático e dos quais se poderia dizer:

I- Para qualquer agente x, se x lustra cerâmica, x o faz facilmente.

II- Para qualquer x, se x é cerâmica, x é lustrado facilmente.

III- Para qualquer agente x, se x cozinha aipim na pressão, x o faz melhor.

IV- Para qualquer x, se x é aipim, x é cozido melhor na pressão.

Quando Soares (1984, p. 84) faz referência ao presente atemporal, a preocupação da autora está voltada para os casos de sentenças no presente que expressem não genericidade, mas ações e/ou estados permanentes, como nos exemplos *Talvez ele viva de rendas* e *Talvez ele não enxergue bem*. Por outro lado, sobre o uso atemporal do presente, um estudo que parece estar mais próximo do fenômeno que se pensa estar envolvido na constituição das construções médias é o que se apresenta em Costa (1990). Para esta autora, o presente atemporal é aquele que expressa um fato válido para todos os tempos, como ocorre com as verdades científicas ou axiomas filosóficos. No que diz respeito à categoria tempo verbal, para a autora, esse é o uso tradicionalmente chamado de *gnômico*, *neutro* ou *não-marcado* – e essa é outra distinção que se apresenta entre construções médias e ergativas: estas são sempre marcadas temporalmente.

4.2 O aspecto em construções médias e em construções ergativas – interação com *Tempo*

Para iniciar as discussões relativas à categoria aspectual do português, segue a distinção feita por Soares (1984, p. 16-17, grifo da autora) entre as categorias de tempo e aspecto:

(...) a noção cronológica contida na categoria verbal Tempo, é relativa. Uma ação é passada, presente ou futura somente em relação a um ponto de referência, que pode ser o momento de fala ou o momento do qual se fala. Em *João escreveu um livro*, *escreveu* indica um fato passado em relação ao momento em que o falante emitiu a frase, e em *João disse que escreveria um livro*, *escreveria* indica um fato futuro em relação ao momento sobre o qual se fala na oração principal.

Com base nessas evidências, a autora classifica tempo como uma categoria de noção dêitica⁵³ (localizadora), ao contrário da categoria de aspecto (tratada, por Soares, com o termo aspectualidade) que não é dêitica. Soares (1984) afirma, ainda, que para as línguas românicas, entre as quais está o português, a noção aspectual vem depois da de tempo, comportando-se como um efeito secundário desta; o que justifica a relação de uma categoria com a outra e a dificuldade para as diferenciar.

Em uma direção semelhante, Travaglia (1994, p.44) define aspecto como “uma categoria verbal TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases”. Em Costa (1990, p.38)⁵⁴, aspecto é tratado como uma “categoria lingüística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato.” Assim, tempo verbal marca uma referência externa, tida em relação ao momento da enunciação, ao passo que o aspecto marca uma referência ao tempo interno da ação verbal, englobando noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, sem relatividade com a enunciação. Poder-se-ia afirmar que o aspecto refere-se à “maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado”(COSTA, 1990, p. 19).

As divisões que Costa (1990, p.38) apresenta para a categoria de aspecto são as seguintes: *aspecto perfectivo* – fato referido de forma global, sem marcação para as nuances da constituição temporal interna; *aspecto imperfectivo* – marca da constituição interna do fato referido. Pode se apresentar como *imperfectivo em curso*, *imperfectivo de fase inicial*, *imperfectivo de fase intermediária*, *imperfectivo de fase final*, *imperfectivo resultativo*. Portanto, ao se marcar aspecto, em português, imperfectiza-se um enunciado. Entretanto,

⁵³ Há autores que dividem os tempos verbais entre *dêiticos* e *anafóricos*. Dessa maneira, tempos verbais com função puramente localizadora são os ditos dêiticos (como o pretérito perfeito, o presente e o futuro de presente) e tempos que, anaforicamente, remetem a outro tempo verbal são os ditos anafóricos, a exemplo do futuro do pretérito utilizado na citação acima, extraída de Soares (1984). Como essa não é uma discussão central para este trabalho, não será desenvolvida aqui.

⁵⁴ Baseada em: COMRIE, B. (1976). Aspect. Cambridge: Cambridge University Press.

nem sempre ocorre marcação aspectual. Travaglia (1994, p. 103) considera que é possível que não haja noção aspectual presente no enunciado: “Neste caso não haverá referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de aspecto não terá sido atualizada.”. Travaglia exemplifica essa não atualização de aspecto com enunciados em tempo verbal presente e futuro, entre outros casos específicos.

Quando houver atualização, Costa (1990) assume que um enunciado, para ser aspectualmente marcado, precisa satisfazer às exigências estabelecidas para a imperfectização. São elas: apresentar o traço [+ durativo] e estar no número singular. A primeira exigência corresponde às entidades de segunda ordem *processos, atividades e estados* e exclui os *atos* e os *acontecimentos* – salvos os casos em que o falante decide tratar fatos e acontecimentos de traço [- durativo] como [+ durativo].

Já quanto à segunda exigência, Costa (1990) explica não se tratar das noções canônicas de *número* aplicadas aos nomes ou às pessoas do verbo, mas *número singular* aplicado às ações verbais. É a conhecida diferença que se estabelece entre o par *saltitar* e *saltar*. Enquanto aquele verbo é de número plural (chamado *iterativo* ou *freqüentativo*), pois indica a repetição de um ato verbal, este é de número singular (chamado *semelfactivo*), pois indica apenas um ato verbal. Resumindo, para ser compatível com a imperfectização, o ato verbal deve ser expresso através de uma entidade de segunda ordem (que se situa no tempo, diferente dos objetos físicos, os quais são entidades de primeira ordem que se situam no espaço e das proposições, entidades de terceira ordem que não são localizáveis no espaço nem no tempo, são abstratas e apenas recebem valor de verdade ou falsidade) com traço [+ durativo] e por um verbo em número singular.

Como até aqui se está tratando de construções médias como apenas realizáveis no presente simples do indicativo, sob pena de se perder o caráter genérico, e o uso que se faz

do tempo verbal presente nas construções médias foi tratado como *atemporal*, *gnômico* ou *não-marcado*, vejamos como é a aplicação da categoria aspectual para essas construções. À página 35, Costa (1990) considera que sentenças construídas no presente gnômico são incompatíveis com a imperfectização, ou seja, o fato expresso pelo verbo é atemporal e referido de maneira global, sem possibilidades de partitura interna.

Como explicação, a autora apresenta duas hipóteses. A primeira delas sustenta que:

afirmações gnômicas são válidas para todos os tempos, não expressam fatos singulares, individualizados, com limites temporais de início e de fim. São portanto fatos que só podem ser expressos no perfectivo, que não podem ter a sua constituição temporal interna delimitada ou muito menos parcializada. (COSTA, 1990, p. 35)

Pela segunda hipótese, complementar à primeira, a autora afirma:

os fatos expressos no Gnômico são do domínio das entidades de terceira ordem, ou seja, são *proposições* que (...) não se localizam no espaço nem se situam no tempo. Como já fartamente tratado aqui, a categoria de Aspecto é pertinente às entidades de segunda ordem, aquelas que têm como referente, como suporte da representação, o tempo físico. (COSTA, 1990, p. 36, grifo da autora)

De fato, o que Costa (1990) expõe hipoteticamente pode funcionar como descrição de sentenças médias como (96), repetida em (101), abaixo:

(101) Por que **o leite facilmente derrama** do recipiente em que se faz ferver?⁵⁵

⁵⁵ http://www.feiradeciencias.com.br/sala02/02_045.asp, acesso em 03/10/2005.

em que para *o leite facilmente derrama* não há validade temporal expressa, trata-se de uma propriedade intrínseca ao objeto e, possivelmente por isso, a ação é realizável a qualquer tempo e não se pode fragmentá-la.

Por essas razões, poder-se-ia assumir que sentenças médias do português são perfectivas, ou seja, são fatos expressos de maneira global, não se imperfectizam. Seguindo também por essa direção, Travaglia (1994, p.48), ao considerar as maneiras como a duração de uma situação pode ser referida, apresenta *ilimitada* como a forma recorrente para referir “verdades eternas”, axiomas científicos, provérbios, máximas (a exemplo de *A Terra gira em torno do sol* e *A mocidade busca a mocidade*). Já que o presente gnômico é tratado por muitos autores como atemporal, ou seja, não atualiza a categoria tempo, por que não pode ser também considerado como não atualizador da categoria aspecto?

Para Travaglia, é possível que construções como *As crianças precisam se alimentar bem*, que, assim como médias, envolvem presente atemporal, não possuam nenhuma noção aspectual. “Neste caso não haverá referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de aspecto não terá sido atualizada” (TRAVAGLIA, 1994, p. 103). Em acordo com o que dizem este autor e Costa (1990) acerca dos usos atemporais de determinados tempos verbais, considerar-se-á neste trabalho que para construções médias no presente gnômico há ausência de marcação da categoria aspecto, que não se atualiza. Entretanto, essa noção se manterá caso seja possível a realização de construções médias em outro tempo verbal que não o presente ou em perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO* que formem médias? Essa questão será respondida mais à frente.

Agora algumas questões aspectuais relacionadas às construções ergativas. Ao considerar que certas línguas possuem variação entre um sistema acusativo e um sistema ergativo, Palmer (1994) avalia que essa variação é determinada por uma categoria

gramatical da sentença, como é o caso de divisões determinadas por tempo e aspecto. Um exemplo, segundo o autor, ocorre com o tempo passado e aspecto perfectivo que, em algumas línguas da Austrália, possuem um sistema ergativo, ao contrário de outros tempos e aspectos que possuem sistema acusativo.

Em se tratando do Português, são bastante comuns casos em que verbos ergativos se apresentam no passado com aspecto perfectivo, como *O barco afundou*. Contudo, o caráter eventivo das construções ergativas as possibilita serem compatíveis com tempos e aspectos outros além do passado e do perfectivo – aspecto que marca interpretação pontual: *Afunda, barco!* e *O barco esteve afundando*⁵⁶.

É bem verdade que tanto o modo imperativo quanto o aspecto durativo servem lado a lado com o pretérito de aspecto pontual nas formações ergativas do português (ao contrário de médias que não admitem modo imperativo, pretérito e atualização da categoria *aspecto*). Entretanto, a preferência de muitos lingüistas (Fagan (1988); Keyser & Roeper (1984); Bassac & Bouillon (2002); Fellbaum & Zribi-Hertz (1989); Rodrigues (1998)) é por analisar ergativos em pretérito pontual e aspecto perfectivo. Uma possível justificativa para essa escolha pode ser o fato de, produtivamente, ergativos ocorrerem neste tempo verbal e aspecto.

Em uma perspectiva mais discursiva, Herweg (1991, p. 979) avalia que o uso do aspecto perfectivo geralmente tem o que o autor chama de *efeito temático* de criação da figura de um texto. Ao contrário, pouco se pode contribuir para o desenvolvimento de uma narrativa a partir de situações descritas em sentenças imperfectivas, por exemplo. Nesse

⁵⁶ Esses exemplos foram extraídos de Keyser & Roeper (1984). Acredita-se que, ao contrário do que sustentam estes autores, não são manifestações lingüísticas freqüentes e emergem de situações discursivas muito específicas. Em *Afunda, barco!*, não se tem uma ordem: apesar de se apresentar como um imperativo formal, essa sentença expressa uma imprecisão, um desejo ou algo similar.

caso, a preferência de escolha pelo aspecto perfectivo em construções ergativas poder-se-ia explicar por questões comunicativas – pragmáticas – em que situações descritas no aspecto perfectivo tornam-se pontuais, claras, mais definidas.

Isso é muito semelhante às razões para construções médias, que não se podem imperfectivizar no presente atemporal, ocorrerem perfectivamente. Conforme Hatav (1993, p. 213), o presente contém um aspecto simples, pois denota informações contidas no seu momento de referência. Baseando-se em Reichenbach (1947), o autor assume que o aspecto é uma dimensão temporal que interage com o tempo. Assim, ao tempo verbal presente simples corresponde, igualmente, um aspecto simples que marca uma referência global, sem partitura interna do evento expresso pelo verbo (o imperfectivo corresponderia, nesta análise, ao aspecto complexo).

Este autor analisa o aspecto do presente simples como uma função $R = R_S$ (em que R_S representa momento de fala e de referência). Para Hatav, não só a função R_S é definidora do aspecto simples do presente simples como marca tal aspecto como muito breve, logo, uma sentença como *João ama Maria* é, por razões pragmáticas, interpretada de forma continuada, ainda que seja uma função $R = R_S$. Em se tratando das construções médias, como *o leite facilmente derrama*, de (101) acima, há interpretação continuada, seja o aspecto (se é que se pode afirmar que há atualização de aspecto – hipótese descartada nesta pesquisa) envolvido tratado como simples ou perfectivo. Contrariamente ao que se apresenta em Hatav, certos usos, que são muito frequentes para o presente, desafiam o *aspecto muito breve* que o autor postula para este tempo verbal. Ainda que interpretemos construções como *Emanuel gosta de bailes*, *Mateus mora longe do centro* e *Sarah trabalha no supermercado* de maneira continuada, é justamente o caráter de *continuum* que dá às construções interpretação inversa à brevidade. Associadas às razões pragmáticas apontadas

por Hatav para a realização da forma lingüística, acredita-se que há também motivações lingüísticas. Por isso, as considerações de Travaglia (1994), Costa (1990) e Soares (1984) parecem mais pertinentes.

4.3 A genericidade de construções médias além do tempo verbal *presente*

Retomando, Fagan (1988) sustenta que sentenças médias são, além de serem estativas, a ocorrência das construções médias está restrita ao tempo verbal presente, sob pena de se perder a genericidade expressa por essas construções se fossem realizadas em outro tempo verbal. Em análise semelhante, Keyser & Roeper (1984) consideram que há, entre as propriedades que distinguem médias de ergativas, evidências de que as primeiras não ocorrem no pretérito nem na forma progressiva.

Entretanto, o que os exemplos abaixo atestam é que construções médias podem, sem qualquer prejuízo à genericidade da construção, ocorrer em outro tempo verbal que não o presente desde que se mantenham as mesmas características da construção no presente – a expressão de uma propriedade presente, mas em outra dada época:

(102a) **Atualmente**, a roupa lava bem **com sabão industrial**. (média, presente)

(102b) **Antigamente**, a roupa lavava bem **com sabão de soda**. (média, pretérito)

(102c) **Antigamente**, aipim cozinhava rápido. (média, pretérito)

(102d) **Antigamente**, este lápis apontava fácil. (média, pretérito)

(103a) Esta camisa secava lentamente. (ambígua)

(103b) **Enquanto esperava para vesti-la**, esta camisa secava lentamente. (ergativa)

(103c) **Esta camisa secava lentamente**, hoje seca num instante. (média)

Ao contrário do que sustentam Fagan (1988) e Keyser & Roeper (1984), há exemplos em (102) e (103) de médias morfologicamente marcadas no pretérito. Em (102a), expressa-se que *para qualquer agente x, se atualmente x lavar a roupa com sabão industrial, x o fará bem* – esse exemplo ilustra exatamente o que expõem os autores: possui leitura genérica para agente implícito e está no tempo verbal presente. Mas se pôde observar que o pretérito imperfeito realizado em (102b) não impede a sentença de expressar genericidade para o agente implícito, pois tem como leitura: *para qualquer agente x, se antigamente x lavasse a roupa com sabão de soda, x o faria bem*. Nessa direção também convergem (102c) e (102d), entretanto, (102c) não é idêntica à antecedente e à conseqüente, pois parece expressar genericidade não só para o agente implícito como também para o tema em posição de sujeito. Há, para (102c), duas leituras simultâneas de genericidade: a) *para qualquer agente x, se antigamente x cozinhasse aipim, x o faria rápido*; b) *para qualquer agente x, se x é aipim, antigamente x era cozido rápido/rapidamente*.

O que parece estar envolvido na dupla genericidade de (102c) é a configuração estrutural do SN tema. Enquanto em (102b) e (102d) o tema está configurado na forma de SN pleno, em (102c) o tema é um SN nu, o que licenciaria a leitura genérica sobre todos os integrantes da classe referenciada pelo tema. Essas diferenças de SNs, relacionadas com a leitura de genericidade simples e com a leitura de dupla genericidade, serão discutidas na seção subsequente, mas se destaca que, nos exemplos (104a-e) abaixo, além de ocorrerem no tempo verbal pretérito, as construções médias possuem tema com configuração de SN pleno e a única possibilidade de leitura genérica se dá para o agente implícito. Isso reforça a

afirmação de que é pelo tema em forma de SN nu que se licencia a dupla leitura de genericidade.

(104a) Comprou telas, cavaletes, tintas e começou a explorar as possibilidades de que dispunha. Inicialmente, pintava com tinta acrílica à base de água, mas desistiu dessa técnica porque **a tinta secava rápido demais**.⁵⁷

(104b) Tinha um cara que consertava as minhas pranchas e quando era só tequinhos pequenos ele usava **uma massa cinza que secava bem rápido**, e fazia o serviço direitinho, não sei se era esse tal de POXIPOL. Se for isso, Paulo, pode usar que é o bicho para "pequenos" consertos...⁵⁸

(104c) ai não sei o que está acontecendo com **o meu PC**antes eu clicava em um arquivo **ele**⁵⁹ **abria rápido**.. Mais agora clico em um arquivo ele demora um pouco para abrir ...⁶⁰

(104d) Mas **a portinhola do lado abria fácil**, por dentro, como outro morador explicou com presteza.⁶¹

(104e) Lembram a Folha de São Paulo. O logotipo (é assim que se diz?) é o mais simples possível: o nome, um traço vermelho e a data. Só. Aqui também era. **A**

⁵⁷ <http://www.redesergipedecultura.com.br/ler.asp?id=43&titulo=noticias>, acesso em 21/11/2006.

⁵⁸ <http://www.windsurfmania.com.br/wsm/disc/dispthre.asp?an=2257&pn=25&ss=TODAS+MENSAGENS>, acesso em 21/11/2006.

⁵⁹ Há ambigüidade nesta sentença, pois o pronome anafórico *ele* possui dois antecedentes possíveis. Assume-se que, neste exemplo, o pronome anafórico *ele* retoma *arquivo*, não *PC*. Caso se considerasse a leitura em que o pronome retoma *PC*, a construção seria transitiva com apagamento do objeto, e não média, como foi considerada nesta análise.

⁶⁰ <http://www.babooforum.com.br/idealbb/view.asp?topicID=282195&pageNo=1>, acesso em 21/11/2006.

⁶¹ http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030309/pri_opi_090303_196.htm, acesso em 21/11/2006.

página_abria rápido. Etc. Agora vejam só, tentando ser modernos e webmasterianos, os gerentes do site estão enfeando a coisa.⁶²

Voltando às sentenças em (103a-c), é perceptível a ambigüidade presente em (103a) entre uma leitura eventiva e outra estativa. Para a leitura eventiva, tem-se a construção ergativa representada em (103b), já para a leitura estativa, tem-se a média representada em (103c). Nesses exemplos, o que vem à tona é a interferência do tipo de modificador na interpretação da estrutura. No caso de *lentamente*, tanto se pode ter uma orientação para evento quanto para estado. Já modificadores do tipo bem e fácil/facilmente orientam para leitura estativa e não resultam em construções ambíguas.

Os exemplos abaixo, com os modificadores *bem* (105a-d) e *fácil* (106a-b), ilustram com clareza a leitura estativa para qual orientam. Nesses casos, ainda que se dispensasse o contexto lingüístico de que se dispõe, poder-se-ia perceber que apresentam estruturas médias construídas no pretérito.

(105a) **O baú não fechava bem?** Esse Mario Kenji é uma desonra a etnia. Ele nem viu o baú. Deu lance errado. Infelizmente existe usuários irresponsáveis como ele.⁶³

(105b) **Das janelas da cozinha**, que eram duas, **só uma fechava bem**; a outra era atada com um pedaço de corda.⁶⁴

⁶² <http://www.projetoockham.org/cgi-bin/yabb/YaBB.cgi?board=outros;actionfiltered=display;num= 110968>, acesso em 21/11/2006.

⁶³ <http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=588544>, acesso em 21/11/2006.

⁶⁴ <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/so.htm>, acesso em 21/11/2006.

(105c) **A tampa da bateria não fechava bem**, o botão de cima on/off/hold, o disco rígido e o plug dos fones estragavam-se muito facilmente...⁶⁵

(105d) **Porta do lado do condutor não fechava bem** (resolvido).⁶⁶

(106a) **A linha era fina e quebrava fácil** – não havia perigo de um tropeção mais grave.⁶⁷

(106b) É isso aí. Tinha ouvido que **essa peça** (controle de playstation) **quebrava fácil**, e ela quebra mesmo.⁶⁸

Por outro lado, a média de (107), que envolve o modificador *rápido*, é dependente do contexto lingüístico em que está para assumir leitura estativa. Caso estivesse em outro contexto, como (108), essa construção cederia lugar à ergativa, com interpretação eventiva:

(107) Alguns dizem que a crepe nasceu quando uma mulher acidentalmente derramou um pouco **deste mingau** no fogão e percebeu que **ele cozinhava rápido**, era fácil de virar e, principalmente, era delicioso!⁶⁹

(108) Enquanto Maria mexia a panela com este mingau, **ele cozinhava rápido**.

Ainda quanto à genericidade de construções médias fora do tempo verbal presente, Rodrigues (1998, p.123) afirma que, para o português do Brasil, é possível que estruturas médias sejam construídas no pretérito imperfeito sem perder a interpretação genérica, mas nessas construções a referência genérica se dá no passado. Dessa forma, a autora

⁶⁵ <http://enektor.com/viewthread.php?tid=385&page=1>, acesso em 21/11/2006.

⁶⁶ http://forum.autohoje.com/topic.asp?ARCHIVE=true&TOPIC_ID=71673, acesso em 21/11/2006.

⁶⁷ <http://garotasquedizemni.ig.com.br/archives/000559.php>, acesso em 21/11/2006.

⁶⁸ <http://forum.gamesbrasil.com.br/archive/index.php/t-17960.html>, acesso em 21/11/2006.

⁶⁹ <http://www.crepequeri.com.br/crepequeri/index.php>, acesso em 21/11/2006.

exemplifica que em *Aqueles canos furavam facilmente* há descrição de uma propriedade indiferente ao tempo, cuja dependência é a existência da entidade *canos*, em questão.

Assim como Rodrigues (1998), assume-se que construções médias mantêm a genericidade e a leitura de propriedade intrínseca do tema tanto no presente quanto no pretérito imperfeito. Mas, diferentemente desta autora, não se assume que a referência genérica se dá somente no passado. Antes, essa referência expressa pelo menos duas situações distintas: *a)* a referência genérica é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente (*Esta camisa secava bem, hoje seca mal*); *b)* a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea ao presente (caso de (107), cuja interpretação de propriedade intrínseca do tema é válida para o passado e para o presente: *cozinhar rápido* é propriedade do mingau de crepe desde sua descoberta até hoje).

Em nota, Rodrigues (1998, p.124) expõe que a ocorrência de construções como *Esses carros estão vendendo bem* pode sugerir que a média no português seja compatível com o presente contínuo sem interpretação de propriedade. Mas, segundo a autora, o caso é que verbos como *vender* formam construções médias e ergativas, estas últimas não possuem interpretação de propriedade, portanto, é justamente pela ausência de marcação de propriedade intrínseca do tema que a construção *Esses carros estão vendendo bem* é ergativa, não média.

Entretanto, observa-se que perífrases verbais com *estar -NDO* e *ter -DO* também formam construções médias: *a) O feijão verde está cozinhando fácil*, *b) O feijão verde tem cozinhado fácil*, *c) O feijão verde cozinha fácil*. Tanto a construção no presente simples em *c)*, com configuração média já fartamente estudada neste trabalho, quanto as construções

em presente progressivo (as perífrases em *a*) e em *b*) possuem mesma leitura média. Há, similarmente nos três casos, as condições necessárias para formar construção média: tema em posição de sujeito, interpretação de propriedade intrínseca para o tema, agente implícito, genericidade orientada para agente implícito e estatividade.

O que vem à tona é que construções envolvendo perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*, a exemplo de *a*) e *b*) acima, são ambíguas entre uma leitura estativa – média – e uma leitura eventiva – ergativa –, e não essencialmente eventivas (ergativas) como sustenta Rodrigues (1998). Sendo assim, inclui-se o presente progressivo (perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*) entre os tempos verbais formadores de construções médias, no qual a referência genérica é anterior ao presente, mas o inclui.

É interessante explicitar que não só pretérito imperfeito, as perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO* e o presente simples podem servir à formação de construções médias, como pode estar parecendo. Há casos em que os pretéritos perfeito e imperfeito são tomados como equivalentes na descrição de uma mesma situação, principalmente em linguagem utilizada nas situações informais de comunicação:

(109a) Quando era pequena, minha filha brincava, estudava e fazia muita bagunça.

(109b) Quando era pequena, minha filha brincou, estudou e fez muita bagunça.

A exemplo do que ocorre nos casos de (109), em que pretérito perfeito e imperfeito tem o mesmo valor, também há possibilidade de se realizar construções médias com pretérito perfeito e aspecto pontual, conforme os exemplos em (110a) e (110c), nos quais os usos do perfeito são equivalentes ao que se descreve através do imperfeito.

(110a) Essa camisa secou fácil, não seca mais.

(110b) Essa camisa secava fácil, não seca mais.

(110c) Livros venderam muito bem, não vendem nada agora.

(110d) Livros vendiam muito bem, não vendem nada agora.

Em todos esses casos, o que está refletido no tempo verbal, seja no perfeito ou no imperfeito, não é um evento episódico, é, antes, a expressão de uma referência genérica que é anterior ao presente e o exclui, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e acabada para o presente. Essa análise, referida mais acima, está de acordo com as observações que Rodrigues (1998) fez acerca de médias formadas no pretérito imperfeito, entretanto, afirmou-se também a possibilidade de médias no pretérito imperfeito possuírem referência genérica anterior ao presente, incluindo-o, marcando a propriedade intrínseca do objeto como anterior e simultânea ao presente.

Para essa segunda situação, em que a referência genérica é anterior ao presente e o inclui, parece haver restrições quanto às formações de médias no pretérito pontual, como a exigência de *sempre* ou expressões que reforcem a generalidade, a exemplo de *desde que me conheço por gente, desde que o mundo é mundo*, entre outros:

(111) Esse aipim sempre cozinhou bem.

(111) Desde que o mundo é mundo, esse corte de seda (sempre) vestiu bem.

Quanto ao aspecto, em seção anterior, tomou-se emprestado de Travaglia (1994) a noção de não atualização de aspecto que o autor adota para sentenças que expressam “verdades permanentes”, a exemplo das construções médias, pois se considerou que estas

construções eram incompatíveis com uso progressivo e que apenas os casos em que ocorriam no presente atemporal – um uso gnômico, portanto – resultavam em boas formações. Como, nesta altura do trabalho, já se mostrou que o tempo verbal presente não é restrição para a realização de médias e que estas são compatíveis com perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*, cabe discutir se se mantém a noção de não atualização de aspecto também para os casos em que estas construções se apresentam no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito com valor de imperfeito e nas perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*.

Como ilustram os exemplos em (110a-d), a categoria aspecto é claramente atualizada tanto para médias com uso do pretérito imperfeito quanto para construções médias com uso do pretérito perfeito. Nos quatro casos, é possível fazer referência à marca de duração da genericidade expressa pela construção. Em (110b) e em (110d), ambas as construções apresentam aspecto *imperfectivo* e *acabado*, relação entre aspectos que Travaglia (1994) aponta como possível para verbos estativos ou atélicos. Se médias imperfectivizadas se comportam de forma semelhante aos verbos de estado (como em *João era professor*) tem-se mais uma evidência de que são estativas. Em (110a) e (110c), também se tem aspecto *acabado*, mas, desta vez, associado ao *perfectivo*, que marca a situação de forma completa, sem referência a partes, mas ao todo (começo, meio e fim estão englobados).

Retomando os exemplos de (102b-d), a marcação adverbial *antigamente* associada ao verbo no pretérito imperfeito evidencia a imperfectização das construções e relaciona os aspectos *imperfectivo*, *habitual* e *acabado*. Esse realce de aspecto provocado pelo advérbio é comum e, segundo Travaglia (1994, p.272), “não há qualquer dúvida de que os adjuntos adverbiais têm muito a ver com o aspecto”. Em (107), em que não há um advérbio do tipo de *antigamente*, diferentemente de (102b-d), atualiza-se aspecto *imperfectivo*, *habitual* e

começado, ou seja, *não-acabado*, deixando implícito que a atualização dos aspectos *acabado* e *começado* apresenta fortes relações com a formação adverbial. Em todos os exemplos desta seção em que se tem aspecto *perfectivo* ou *imperfectivo*, as construções médias apresentam também aspecto *habitual*, nos casos de perífrases com *estar -NDO* e *ter -DO* houve atualização do aspecto *durativo*, e isso direciona as considerações sobre a atualização da categoria aspecto nessas construções.

É importante deixar explícito, neste ponto, que em nenhum dos casos de média fora do tempo verbal presente se perdeu a leitura genérica e de propriedade intrínseca, mas, ao contrário das considerações de Costa (1990, p.35) de que construções genéricas são sempre perfectivas, esses casos mostram que construções genéricas podem ser imperfectivizadas e, ainda, o aspecto *imperfectivo* pode se combinar com aspectos outros como *acabado* e *começado*, a exemplo de construções com verbos de estado, e, recursivamente, com aspecto *habitual*.

O que emerge desta discussão é que, ao contrário do que sustenta a bibliografia sobre o assunto: *a)* médias não estão restritas à formação com verbo no presente, podem ocorrer no *pretérito imperfeito*, no *pretérito perfeito com valor de imperfeito* (quando essas formas verbais mantêm as características do enunciado no presente) e em *perífrases com estar -NDO e ter -DO*; *b)* atualizam aspecto quando não estão construídas no presente simples e não o atualizam quando estão no presente simples; *c)* e, em todas essas possibilidades, não perdem a leitura de realce para a propriedade intrínseca do tema e a genericidade envolvidas na formação da construção média.

4.4 Presença de modificador: exigência para a boa formação das médias?

Conforme o que se apresenta no item 2.1.2 deste trabalho, Roberts (1987, apud Rodrigues (1998, p.11)) destaca que há casos ((30a-d) repetidos abaixo) em que se pode formar médias em inglês sem a exigência de realização sintática do modificador. Esses casos envolvem, na formação: um *do* enfático, por exemplo, um acento sobre o tema ou sobre o verbo, um modal epistêmico como *could*, uma negação ou tema quantificado negativamente.

(112a) This book could sell. / (Esse livro pode vender.)

(112b) ?Bureaucrats BRIBE. / (*Burocratas SUBORNAM.)

(112c) ?CHICKENS kill. / (*GALINHAS abatem.)

(112d) ?This bread DOES cut. / (?Esse pão corta.)

(112e) This bread doesn't cut. / (Esse pão não corta.)

(112f) Any bureaucrats bribe. / (*Nenhum burocrata suborna.)

Da mesma forma, Fellbaum & Zribi-Hertz (1989) avaliam que a exigência de modificador é restrição para a formação de médias do francês, mas há casos, classificados pelas autoras como um subconjunto das médias, que não exigem realização sintática do modificador.

(113a) Cette racine se mange. / Aquela raiz se come.

(113b) *Cette chaise se plie. / Aquela tinta se apaga.*

As autoras consideram que, nos dois exemplos de (113), subentende-se uma divisão binária entre coisas comestíveis e coisas não-comestíveis, entre coisas pintáveis e coisas não-pintáveis. Assim, (113a) pode ser enunciada em um contexto no qual se faça uma classificação binária entre aquelas raízes que são comestíveis e aquelas que não o são; da mesma maneira, (113b) serviria a um contexto em que se diferencie binariamente tintas que apagam daquelas que não apagam. Fellbaum & Zribi-Hertz (1989) afirmam, ainda, que para o inglês a mesma análise é possível em casos como *Does this wall paint?*, nos quais se subentende uma divisão entre a classe das paredes pintáveis e a classe das não-pintáveis

Com tantas possibilidades de se realizarem construções médias sem a presença sintática de modificador, questiona-se se realmente a modificação é condição para a gramaticalidade dessas construções. Em se tratando do português, é possível que construções médias sejam realizadas sem modificação: tanto com acento sobre o tema, com acento sobre o verbo, com negação, com tema quantificado negativamente, quanto com a divisão binária entre duas classes, conforme o que levam em conta, para o francês, Fellbaum & Zribi-Hertz (1989) e, para o inglês, Roberts (1987, apud Rodrigues (1998)).

(114a) Esse piso LIMPA.

(114b) ESSE PISO limpa.

(114c) Esse piso não limpa.

(114d) Nenhum piso limpa.

(115a) Batata doce assa.

(115b) Essa batata doce assa?

Em todos os exemplos acima, características de construções médias como a leitura de genericidade para agente implícito e a interpretação de propriedade intrínseca para o tema são mantidas, o que os diferenciaria de construções ergativas que não possuem nenhuma dessas características. A ênfase sobre o verbo em (114a) sugere que o piso referenciado limpa bem, independentemente de quem o limpe; já a ênfase sobre o tema em (114b) sugere que esse piso, não outro, possui a propriedade *limpa*; (114c) destaca a negação da propriedade, ou melhor, a ausência de uma propriedade que costuma ser intrínseca à classe *piso*; (114d) é similar à anterior, com ausência de propriedade marcada na quantificação negativa do tema; (115a-b) encaixam-se na classificação binária (proposta por Fellbaum & Zribi-Hertz (1989)) entre aquelas batatas que assam e aquelas que não assam.

Desse modo, a realização sintática de modificador é exigência para a formação de um subtipo de construções médias do português, a saber, para a formação de médias que não se incluem nos casos de (114) e (115). Ainda que fosse a presença do modificador uma condição para as formações médias do português, tal realização sintática é muito semelhante à configuração estrutural de suas contrapartes ergativas e não serviria para diferenciar as duas construções, já que as construções ergativas: **a)** também admitem modificação; **b)** recebem modificador em mesma posição que construções médias o recebem; **c)** recebem modificadores idênticos aos que construções médias recebem. Observe-se:

(116a) Essa camisa seca rápido, as demais demoram a secar.

(116b) Essa camisa seca rápido, enquanto eu lavo as outras.

(116c) Esse livro vendia rápido, agora fica parado no estoque.

(116d) Esse livro vendeu rápido, não tem mais nenhum exemplar no estoque.

Com a proximidade entre construções médias e ergativas, sugerida pelo comportamento semelhante de ambas com a modificação, um certo cuidado é necessário para não confundi-las. As sentenças abaixo, podem parecer médias, mas são eventivas e essa é a primeira evidência em favor da ergatividade, pois elimina a interpretação de propriedade intrínseca do objeto à medida que as sentenças descrevem um evento episódico particular.

(117) Enquanto **a mandioca cozinha**,⁷⁰ separe e pique os ingredientes pedidos na receita.

(118) Enquanto **o feijão cozinha**, vamos continuar nossa conversa.⁷¹

(119) Há dias que já começam complicados, levantamos atrasados, o café sai fraquinho, **o leite derrama** sobre o fogão, o marido com aquele humor negro e os filhos... ah!, os filhos cobrando... cobrando... cobrando...⁷²

Nos exemplos (117) e (118), a sentença subordinada com *enquanto* marca um período de tempo que serve de referência para a sentença principal e, em (119), um fato determinado, relacionado com outros, é referenciado pela ergativa. Keyser & Roeper (1984) consideram que a dificuldade encontrada pelos falantes para diferenciar médias de ergativas é resultado da maleabilidade de alguns verbos que servem a ambas as

⁷⁰ http://panelinha.ig.com.br/receita.phtml?cod_rec=460, acesso em 21/11/2006.

⁷¹ <http://www.sec.rj.gov.br/atabaquevirtual/culinaria.html>, acesso em 21/11/2006.

⁷² <http://www.riototal.com.br/coojornal/neidemaganhas.htm>, acesso em 21/11/2006.

construções. Essa possivelmente seja uma das dificuldades, entretanto, há outras razões relacionadas à formação sintática, em particular à presença/ausência de modificador.

Em alguns casos de construções médias, em que não se realiza sintaticamente o modificador, ele pode estar apagado e ser recuperado ou depreendido do contexto lingüístico que se apresenta e/ou do contexto pragmático de que se dispõe. Essa “recuperação” do modificador serve à necessidade pragmática de informatividade, já que falantes tendem a ser cooperativos e dar apenas informações relevantes. Em exemplos como os seguintes, a explicitação de um conhecimento comum (pelo menos para a cultura ocidental) só se justifica por meio de um modo, dessa maneira, o que é relevante informar não é o que o verbo expressa, mas seu conteúdo semântico associado à própria modificação implícita.

(120) Estou com pressa para sair agora, vou cozinhar o feijão quando voltar, se bem que **esse feijão cozinha**.

(121) Faça você as pipocas porque quando eu faço sobram muitos grãos na panela, se bem que **essa pipoca estoura**.

O que (120) diz é que o feijão em questão cozinha rápido, então, é possível cozinhá-lo em pouco tempo, sem atrasos, mesmo porque feijões em geral cozinham e, comunicativamente, seria irrelevante informar essa propriedade (assim como há contextos nos quais é irrelevante informar que *pessoas falam*, *pessoas respiram*, etc.). Em (121), o que se diz é que uma determinada pipoca estoura bem, até mesmo alguém que não saiba fazer pipocas com habilidade pode estourá-la. A exemplo de *feijões cozinham*, dizer que *pipocas estouram* parece ser irrelevante comunicativamente, aliás, é bem provável que, se

não estourasse, o milho não se transformaria em pipoca e dificilmente receberia esse nome *pipoca* ainda na forma de grão, o modo (implícito) como estoura o milho pipoca é que autoriza uma construção do tipo *essa pipoca estoura*.

4.5 Genericidade: uma particularidade das construções médias

Na seção anterior, iniciou-se uma discussão em torno da possibilidade de construções médias expressarem dupla genericidade ou genericidade simples, o que ilustram, respectivamente, (122a) e (122b):

(122a) Lápis aponta fácil.

(122b) Este lápis aponta fácil.

Nesse ponto, afirmou-se que, pelo menos no que se apresentava como mais destacado, o que parece estar envolvido na alternância entre genericidade simples ou dupla é a configuração estrutural do SN tema em posição de sujeito. Para (122a), que possui SN nu, há as leituras: **a)** *para qualquer x, se x é lápis, x é facilmente apontado*; **b)** *para qualquer agente x, se x apontar lápis, x o fará fácil/facilmente*. Enquanto para (122b), que possui SN pleno, há apenas a leitura *para qualquer agente x, se x apontar este lápis, x o fará fácil/facilmente*. Ou seja, pelo que se observou, médias com SN nu em posição de sujeito orientam para leitura de dupla genericidade (a genericidade incide sobre o tema em posição de sujeito e sobre o agente implícito), ao passo que médias com SN pleno em posição de

sujeito orientam para leitura simples de genericidade, a qual incide somente sobre o agente implícito.

Saraiva (2001) toma como SN nu aquele que em sua configuração estrutural é constituído apenas por nome comum, sem determinantes ou modificadores de qualquer tipo. Segundo a autora, que desenvolve um estudo acerca do objeto incorporado no português, o SN nu diferencia-se semanticamente do SN pleno por este apresentar o traço [+foco nos membros integrantes da classe] e poder apresentar os traços [+ ou - identificável] e [+ ou - quantificação universal], ao passo que o SN nu apresenta a negação de todos estes traços. Estes SNs são: [- foco nos membros integrantes da classe], [- identificável] e [- quantificação universal].

No trabalho de Saraiva (2001), analisam-se construções do tipo *trocar fralda* e *fazer mamadeira*, em que o SN nu está em posição adjacente ao verbo e tem função classificadora com relação à ação ou processo expresso por ele, por isso os traços [- foco nos membros integrantes da classe] e [- quantificação universal]. Em construções médias com SN nu, como *a) Aipim cozinha fácil*, considera-se que o foco não está nos membros integrantes da classe, mas na classe e na propriedade intrínseca que se lhe atribui (diferentemente de *b) Este aipim cozinha fácil*, por exemplo). Contudo, na média em *a)*, expressa-se que *para todo x, se x é aipim, x é facilmente cozido*, logo, há o traço [+ quantificação universal], enquanto a média em *b)* é [- quantificação universal] – diferença de traços estabelecida a partir da configuração estrutural do SN tema em posição de sujeito. É, sem dúvida, o traço [- foco nos membros integrantes da classe] que direciona a análise à consideração de que são SNs nus que licenciam a dupla genericidade em construções médias, também por eles próprios carregarem valor genérico e estarem fortemente direcionados às construções genéricas.

Em contrapartida à restrição à configuração estrutural de SNs nus para expressar genericidade para tema em posição de sujeito, Müller (2001, p. 154), a respeito da genericidade no português, observa que se pode expressá-la através do uso de SNs de configuração estrutural com definido genérico (singular e plural), com indefinido genérico, com singular nu e com plural nu. A autora exemplifica, à mesma página, com:

(123a) O automóvel chegou ao Brasil no século XX. – definido genérico singular

(123b) As cobras são animais perigosos. – definido genérico plural

(123c) Um número par é sempre divisível por dois. – indefinido genérico

(123d) Homem não chora. – singular nu

(123e) Professores trabalham muito. – plural nu

Em se tratando de médias, observe-se:

(124a) O adesivo gruda facilmente.

(124b) Os adesivos grudam facilmente.

(124c) Os adesivo gruda fácil. (linguagem coloquial)

(124d) Um adesivo gruda facilmente.

(124e) Adesivo gruda facilmente.

(124f) Adesivos grudam facilmente.

Como se pôde ilustrar nos casos de (124a-f), as sentenças médias do português podem ser construídas, sem prejuízo para a genericidade, tanto envolvendo os definidos genéricos (singular e plural), quanto a forma indefinida e as formas singular nu e plural nu. Mas, para

isso, é preciso que se dispense a (124a), (124b) e (124c) tratamento semelhante ao dispensado por Müller a (123a) e (123b), nos quais os artigos definidos (singular e plural) possuem interpretação genérica, já que levam à referência à classe *automóvel/cobras/(adesivo em (124a-c))* e não possuem o foco em membros integrantes específicos da classe. Caso se considerasse que o foco está em membros específicos, não haveria leitura de genericidade para o tema em posição de sujeito de (124a-c), apenas para agente implícito.

Nos exemplos de (124d-f), apesar de também haver tema em forma de SN pleno em (124d), parece ser mais transparente a leitura de genericidade para o tema em posição de sujeito que nos casos de (124a-c). Como já se vinha formulando anteriormente, a indefinição do SN, seja por meio da forma indefinida ou da forma nu (singular e plural), favorece a ocorrência de dupla genericidade na formação de construções médias.

Essa constatação está em acordo com Müller (2001, p.156), que estabelece duas generalizações sobre a expressão da genericidade no português. A primeira considera que “o definido genérico singular e o definido genérico plural são expressões de referência a espécies”. A segunda considera que “o indefinido genérico, o singular nu e o plural nu não denotam espécie. Sua genericidade deve provir de sua participação em sentenças genericamente quantificadas”.

Nesses termos, se se tomarem médias cujo tema é composto por SN contável, com indefinido singular ou com a forma nu (singular e plural), como (125a-c), é possível formalizar a operação quantificacional envolvida nas construções com base em (126), inspirada em Müller (2001, p.159):

(125a) Uma camisa veste bem.

(125b) Camisas vestem bem.

(125c) Camisa veste bem.

(126a) GEN [x] (x é camisa; x veste bem)

(126b) ‘Tipicamente, se x é camisa, então x veste bem’

em que a quantificação genérica produzida pelo operador abstrato *GEN* relaciona duas sentenças e seus argumentos, sendo que uma das sentenças é a *matriz* e outra é a *restrição*. A autora afirma que essa postura tem sido adotada por trabalhos recentes que se dedicam ao estudo da genericidade e ilustra com uma versão simplificada do que seria a operação *GEN* demonstrada em (127a-b):

(127a) GEN [x;y] (Restrição [x]; Matriz [x,y]) = GEN [x] (Restrição [x]; $\exists y$ Matriz [x,y])

(127b) (‘Genericamente, se restrição x, então existe um y, tal que matriz x,y’)

Uma formalização como essa é capaz de explicar como o indefinido singular, o plural nu e o singular nu “adquirem seu significado genérico do fato de estarem participando de sentenças genericamente quantificadas nas quais suas variáveis são ligadas pelo operador *GEN*.” (MÜLLER, 2001, p. 159)

Müller segue seu estudo tratando das diferenças que há entre os tipos de indefinidos do português, aqui não se fará essa discussão, pois em qualquer dos casos de indefinição do SN tema com nome contável, em médias, adota-se a regra em (127a). Interessa, antes: **a)** discutir como ocorre a operação *GEN* nos casos em que o sujeito gramatical de médias é

constituído por nome com possível interpretação de massa (para encerrar a descrição da leitura de genericidade para o tema) e **b)** discutir como ocorre a operação *GEN* orientada à leitura de genericidade para o agente implícito das construções.

Em casos como (128a-c), o nome núcleo do tema das médias é interpretado como não-contável, ou seja, apresenta leitura de massa.

(128a) Peixe cozinha rápido/ Peixes cozinham rápido/ *Um peixe cozinha rápido.

(128b) Leite derrama facilmente/ Leites derramam facilmente/ *Um leite derrama facilmente.

(128c) Cola seca rápido/ Colas secam rápido/ *Uma cola seca rápido.

A agramaticalidade marcada nos casos de (128a-c), em que o SN possui indefinido singular, é resultado de uma interpretação de genericidade para esse SN. No caso de uma leitura não-genérica, em que *um* represente numeral ou seja um indefinido simples que não marca genericidade, tais exemplos seriam gramaticais. Essa observação estabelece uma primeira distinção dentro das formas de indefinição de SNs tema genéricos em construções médias: se o SN for formado por nome de massa, não aceita indefinido singular, ou seja, só ocorre na forma de SN nu, singular e plural. Nessas duas formas em que pode ocorrer, a genericidade é controlada pela mesma regra anteriormente expressa em (127a) que representa (128a) em (129a-b):

(129a) GEN [x] (x é peixe; x cozinha rápido)

(129b) ‘Tipicamente, se x é peixe, então x cozinha rápido’

Neste ponto, ainda falta estabelecer qual operação genérica está envolvida na leitura de genericidade para o agente implícito das construções médias, se se trata da mesma operação que envolve o SN tema ou se há uma operação mais abstrata. Vale lembrar, a este ponto, que a dupla genericidade ocorre em médias específicas, ao passo que a genericidade simples, orientada para o agente implícito, está presente em todas as construções médias, o que pode fazer crer que se trata de um tipo específico de genericidade, específico de médias.

Observe-se o caso presente em (130a), cuja leitura genérica está em (130b), cuja operação *GEN* sobre agente implícito está em (130c) e cuja leitura da operação *GEN* está em (130d):

(130a) Este volante gira fácil.

(130b) Para qualquer motorista x , se x girar este volante, x o fará fácil/facilmente.

(130c) *GEN* [x] (x é motorista; y é este volante; x gira y fácil/facilmente)

(130d) ‘Tipicamente, se x é motorista, x gira este volante fácil/facilmente’

O que ocorre em (130c) é que a variável x que entra no escopo na operação genérica abstrata *GEN* está ligada ao agente implícito da construção, não mais ao tema em posição de sujeito, como ocorreu em (126a) e (129a). Dessa forma, orienta-se a interpretação genérica para o argumento que não está realizado sintaticamente na construção média de (130a), mas que se mantém implícito e pode ser recuperado através da matriz lexical de *girar*, a qual prevê um argumento agente que será apagado nos casos em que se colocar em proeminência e_2 , através do acionamento do quale formal, conforme se discutiu ao início deste capítulo.

Para os casos de média em que a única interpretação genérica disponível está orientada para o agente implícito ((130a)), a formalização disponível em (130c) parece satisfatória para explicar a interpretação genérica. Contudo, tome-se (131a), em que a dupla genericidade exige que se formalize duas generalizações distintas na mesma construção sintática:

(131a) Cerâmica limpa fácil.

Para esses casos, há, exemplificado em (131d), a proposta de formalização das leituras de genericidade de (131a), expressas por (131b) e por (131c). O que ocorre em (131d) é a operação *GEN* orientada para variáveis distintas, para *y* que representa o agente e para *x* que representa o tema.

(131b) Para qualquer *x*, se *x* é cerâmica, *x* é fácil/facilmente limpo.

(131c) Para qualquer agente *y*, se *y* limpar cerâmica, *y* o fará fácil/facilmente.

(131d) *GEN* [*y*] *GEN* [*x*] (*y* é um agente qualquer; *x* é cerâmica; *y* limpa *x* fácil/facilmente)

(131e) ‘Tipicamente, se *y* é um agente qualquer e *x* é cerâmica, *y* limpa *x* fácil/facilmente’

Quanto à proposta que se apresenta aqui, de interação entre operadores *GEN*, pode-se afirmar, com base em (131d), que não há qualquer restrição para a interação entre a operação *GEN* [*y*] e a operação *GEN* [*x*], já que o argumento que está sob o escopo da primeira operação abstrata *GEN* mantém-se apagado na construção sintática da média em

(131a); faz parte de sua interpretação, mas não é sintaticamente realizado. Já o argumento que está sob o escopo da segunda operação abstrata *GEN* é obrigatoriamente realizado sintaticamente, considerando-se o fato de que, em construções médias, o quale formal do verbo envolvido na formação sintática é acionado, o que define e_2 .

Há ainda outro caso de construção média a se considerar, aquele em que se realiza sintaticamente um agente menos prototípico, por meio de um sintagma agentivo/causativo, como exemplo: *Essa roupa lava fácil com sabão de soda*. Mesmo nesses casos em que se realiza um sintagma, claramente causativo, há apagado o agente que realiza a ação *lavar*, com instrumento *sabão de soda*. Para esse agente apagado, atribui-se o traço [+ humano] e opera-se *GEN* abstratamente.

São muitos os fatores que podem interferir na interpretação de genericidade a qual, sem dificuldades, os falantes atribuem às sentenças genéricas. Espera-se que, ao menos no que diz respeito às construções médias e suas leituras para agente implícito e tema, tenha sido possível apresentar uma formalização que, de maneira mínima, represente a intuição que naturalmente falantes têm acerca destas construções.

4.6 A expressão de propriedade intrínseca do tema em posição de sujeito: outra particularidade das construções médias

Krifka et al. (1995, p. 2-3) avaliam que dois fenômenos distintos têm sido classificados como genericidade. Um deles diz respeito à referência a um gênero, como nos casos com SNs de referência genérica que o autor apresenta: *A batata foi primeiramente cultivada na América do Sul, Batatas foram introduzidas na Irlanda por volta do século*

XVII, *A economia irlandesa tornou-se dependente da batata*. O outro diz respeito às proposições que não ressaltam episódios ou fatos, mas propriedades gerais. São os casos de sentenças que, em lugar de expressar um episódio, expressam um hábito, um costume, como *Uma batata tem vitamina C, aminoácidos, proteína e tiamina*, em que não se assera sobre uma batata específica ou sobre o gênero *Solanum tuberosum*, e sim sobre batatas em geral. Neste último caso, Krifka et al. consideram que a noção de genericidade é claramente uma característica da sentença completa e não de uma de suas partes (não só de um SN, por exemplo). A partir dessa diferenciação, é possível considerar que há formações de genericidade tanto por SNs de referência genérica quanto por sentenças genéricas que expressam regularidades.

O fato de os autores considerarem que o que caracteriza a genericidade expressa por meio de sentenças genéricas é a expressão de propriedades gerais faz recordar as construções médias, nas quais há sempre a interpretação de propriedade intrínseca do tema em posição de sujeito. Essa é, vale lembrar, uma particularidade de construções médias; ergativas não possuem interpretação de propriedade intrínseca para o tema (KEYSER & ROEPER (1984); FAGAN (1988); RODRIGUES (1998)).

Uma análise plausível parece ser a de que a propriedade intrínseca que faz parte da interpretação de médias esteja ligada à genericidade envolvida na construção. Tem-se nos exemplos (132a-d), independentemente de o SN tema ser mais ou menos definido, a expressão de uma propriedade intrínseca para o tema.

(132a) Batatas cozinham fácil.

(132b) Batata doce assa bem.

(132c) Batata inglesa frita fácil.

(132d) Esta batata cozinha bem.

Essa propriedade parece estar intimamente ligada com a genericidade da construção. Nos dados de (132a-c), a interpretação de propriedade intrínseca é uma regularidade que se aplica a SNs com o traço [-identificável]. Nesses casos, em que o SN é também [+genérico], há a dupla genericidade descrita na seção anterior e a propriedade intrínseca se estende à classe referida pelo SN. No dado de (132d), a propriedade intrínseca não se aplica genericamente à classe, mesmo porque não há referência à classe, mas a um referente específico e determinado, o qual é recuperado pelo SN tema com os traços [-genérico] e [+identificável].

A este ponto, poder-se-ia pensar que em médias como (132d) a genericidade não interfere na interpretação de propriedade intrínseca, já que a única genericidade disponível é orientada para o agente implícito. No entanto, construções genéricas, de maneira geral, expressam propriedades, como se pode constatar em exemplos clássicos da literatura ou do cotidiano: *Todo homem é mortal*, *Todo homem é canalha*, *Políticos são corruptos*, *Mulheres são estressadas*, entre muitos outros.

Isso já revela alguma relação entre a expressão de propriedades e as construções genéricas. Além disso, em casos como (132a-d), por mais que esteja a propriedade intrínseca orientada para o tema (é a *batata doce* que *assa bem*, são *as batatas* que *cozinham fácil* ou é *esta batata* que *cozinha fácil*, é a *batata inglesa* que *frita bem*), o que se expressa diz também que, independentemente de qual seja o agente *x*, *x* assa *y* bem, *x* cozinha *y* fácil, *x* frita *y* bem.

A respeito de relação entre o agente implícito, envolvido na formação de construções médias, e a propriedade intrínseca do tema em posição de sujeito, Fagan (1988)

já apresentava alguma discussão. Para a autora, quando se diz que *Este livro lê fácil*, diz-se: *Para qualquer agente x , x lê este livro fácil/facilmente*. O que se faz neste trabalho, diferentemente de Fagan (1988), é considerar que o que viabiliza a expressão de propriedade intrínseca é a genericidade disponível para as construções médias, a exemplo do que fazem construções genéricas em geral. Como construções ergativas não apresentam genericidade, também não contêm interpretação de propriedade intrínseca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, desenvolveu-se uma análise da alternância entre construções médias e construções ergativas, de modo mais amplo e, mais brevemente, da alternância entre essas construções e a transitiva. Quanto às alternâncias média/transitiva e ergativa/transitiva, logo no início do terceiro capítulo, já se apresentou a explicação lexical para a formação das construções envolvidas no processo de alternância, a partir da matriz do verbo polissêmico alternante entre as três construções – em construções ergativas e em médias aciona-se o quale formal e o evento-núcleo do evento matriz é e_2 , estado final, com o qual se realiza o argumento y (tema); já em construções transitivas o evento-núcleo do evento matriz é e_1 , processo, com o qual se realizam os argumentos x (agente) e y (tema) e aciona-se o quale agentivo.

Através da análise que se fundamentou no arcabouço teórico do Léxico Gerativo, foi possível sustentar que não só as construções médias e as ergativas possuem mesma derivação (lexical), como também possuem mesmo processo de formação. Contudo, havia ainda a necessidade de se explicar a alternância entre construções médias e construções ergativas.

Segundo os autores Fagan (1988), Fellbaum & Zribi-Hertz (1989), Kemmer (1994), Keyser & Roeper (1984) e Rodrigues (1998), essas duas construções são distintas e há um conjunto de propriedades que as distinguem. A primeira delas é a *restrição a ocorrer no tempo verbal presente* a que estão submetidas construções médias, enquanto ergativas não possuem restrição de tempo. Verificou-se que, assim como acontece com demais

construções genéricas, o presente atemporal favorece a genericidade envolvida na formação de médias, mas há formações de médias no tempo pretérito imperfeito, no perfeito com valor de imperfeito e em perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO* sem prejuízo à genericidade da construção e à propriedade intrínseca do tema em posição de sujeito da construção. Quanto à categoria *aspecto*, nos casos em que médias ocorrem no presente simples, não há atualização da categoria, nos casos em que ocorrem com perífrases com estar *-NDO* e ter *-DO*, atualizam aspecto *durativo*, já nos casos em que ocorrem em outro tempo verbal, atualizam-na tanto quanto construções ergativas.

Outra característica apontada pela bibliografia acima é a *exigência de modificador* para a boa formação semântica de construções médias, ao passo que construções ergativas podem ocorrer com ou sem modificação. De partida essa já não parecia ser uma boa característica diferenciadora entre as duas construções, pois ergativas admitem modificação do mesmo tipo e em mesma posição que médias a admitem. Além disso, são tantos os casos em que médias ocorrem sem modificação (com acento contrastivo sobre o tema, com acento contrastivo sobre o verbo, com negação, com tema quantificado negativamente, com idéia de divisão binária entre duas classes) que ela foi desconsiderada enquanto exigência para a boa formação semântica de construções médias neste trabalho.

Ainda restam duas propriedades a se retomar: a *genericidade* e a *interpretação de propriedade intrínseca para o tema em posição de sujeito da construção*, ambas presentes apenas em médias. Se for possível estabelecer algum distanciamento entre construções médias e ergativas, certamente a genericidade para o agente implícito e, em alguns casos de dupla genericidade, a genericidade também para o SN tema em posição de sujeito estão no centro desse distanciamento. Inclusive a interpretação de propriedade intrínseca disponível

para o tema em posição de sujeito de médias resulta da genericidade envolvida na formação dessas construções.

Considera-se, portanto, que nada além da genericidade e de seus efeitos sobre as construções médias (propriedade intrínseca para o tema) distinga estas construções das ergativas. Com base na análise que se fez e nessa avaliação final, afirma-se que nos dois casos (a que a literatura chama média e ergativa) o que se tem é o mesmo tipo de construção, uma construção ergativa, a qual pode se apresentar na função de *ergativa pura*, como em *O feijão cozinhou*, ou na função de *ergativa genérica*, como em *Feijão cozinha fácil/Este feijão cozinha fácil*.

Ao se assumir que médias são ergativas com genericidade disponível para o agente implícito e, em certos casos, também disponível para o tema que recebe propriedade intrínseca, esclarece-se a razão pela qual, na matriz lexical do verbo envolvido nas duas construções, tem-se a mesma explicação para a formação de ambas. Afinal, trata-se de uma mesma construção, mas, em um dos casos, com um valor semântico adicional, o da genericidade.

Essa posição elimina a alternância média/ergativa e explica o fato de certos verbos formadores de uma construção também servirem à formação da outra à medida que une as construções sob um mesmo domínio: o da ergatividade. Isso também esclarece a dificuldade (apontada por Keyser & Roeper (1984)) para falantes do inglês diferenciarem as duas construções, já que, de acordo com o que se propõe aqui, o que se tem é somente uma construção, apenas a interpretação de genericidade e o realce de propriedade intrínseca resultante dela é que restam para ser percebidos em ergativas genéricas.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ANDRÉ, H. A. (1978) **Gramática Ilustrada**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Ed. Moderna.

ARAGÃO, J. C. (1944) **A passividade verbal em seus vários aspectos**. Rio de Janeiro: F. Briguiet.

ARAGÃO NETTO, M. M. (2003) A polissemia de acordo com a teoria do léxico gerativo. **Revista Riscos – CCAA – n. 6: 08–17.**

BARBOSA, J. S. (1871) **Grammática Philosophica da Língua Portuguesa**: princípios da gramática geral aplicados a nossa linguagem. 5 ed. Lisboa: Academia Real das Ciências.

BASSAC, C. & BOUILLON, P. (2002) Middle Transitive Alternations in English: A Generative Lexicon Approach. **Many Morphologies**. ed. Paul Boucher and Marc Plénat: 29–47.

BECHARA, E. (1976) **Lições de Português**: pela análise sintática. 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Grifo.

_____. (1980) **Moderna Gramática Portuguesa**: cursos de 1º e 2º graus. 25. ed. São Paulo: Ed. Nacional.

CAMACHO, R. G. (2003) Em defesa da categoria da voz média no português. **D.E.L.T.A.** n. 19 (1): 91–122.

CÂMARA JR, J. M. (1956) **Dicionário de Fatos Gramaticais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.

CÂMARA JR, J. M. (1986) **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente à Língua Portuguesa. 13. ed. Petrópolis: Vozes.

- CHISHMAN, R. L. O. (2003) O sentido polissêmico dos verbos eventivos segundo a teoria do léxico gerativo. **Fórum Lingüístico**. v. 3, n. 2: 177–190.
- COMRIE, B. (1981) **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTA, S. B. B. (1990) **O Aspecto em português**. São Paulo: Contexto.
- D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. (1984) A perda do clítico num dialeto mineiro. **Tempo Brasileiro**. 78/79: 97-121.
- DOWTY, D. (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. **Language**. n. 67: 547–619.
- DUBOIS, J. et al. (1973) **Dictionnaire de Linguistique**. Paris: Larousse.
- FAGAN, S. M. B. (1988) The English Middle. **Linguistic Inquiry**. n. 19: 181–203.
- FELLBAUM, C. & ZRIBI-HERTZ, A. (1989) La construction moyenne en français et en anglais: étude de syntaxe et de sémantique comparées. **Recherches Linguistiques**. n. 18: 19–55.
- FERREIRA, A. B. H. (1999) **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. totalmente ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- HAUY, A. B. (1992) **Vozes Verbais**: sistematização e exemplário. São Paulo: Ática.
- HATAV, G. (1993) The aspect system in English: an attempt at a unified analysis. **Linguistics**. vol. 31-2. p. 209-237.
- HERWEG, M. (1991) Perfective and imperfective aspect and the theory of events and states. **Linguistics**. vol. 29-6. p. 969-1010.
- ILARI, R. (1997) **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto: EDUC.

- KEMMER, S. (1988) **The middle voice: a typological and diachronic study**. Tese de Doutorado. Stanford, University of Stanford. APUD: RODRIGUES, C.A.N. (1998). Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Brasília, Universidade de Brasília.
- KEMMER, S. (1994) Middle voice, transitivity, and the elaboration of events. IN: fox, b. & hopper, P. (org.) **Voice form and function**. Amsterdam, John Benjamins. APUD: RODRIGUES, C.A.N. (1998). Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Brasília, Universidade de Brasília.
- KEYSER, S. J. & ROEPER, T. (1984) On the Middle and Ergative Constructions in English. **Linguistic Inquiry**. n. 15: 381–416.
- KRIFKA, M. et al. (1995) Genericity: an introduction. In: CARLSON, G.N. & PELLETIER, F.J. (eds). **The Generic Book**. Chicago: The University of Chicago Press.
- MORAVCSIK, J. (1975) Aitia as Generative Factor in Aristotle's Philosophy. **Dialogue**. n. 14: 622–636.
- MOURA, H. M. M.; MARRAFA, P. (2005) Portuguese telic causative verbs. In: **Proceedings of III International Workshop on Generative Approaches to the Lexicon**. Geneva: University of Geneva-School of Translations and Interpretation. V. 1. p. 22-32.
- MOURA, H. M. M.; PEREIRA, J. S. V. (2004) A interface léxico-enciclopédia no léxico gerativo: um estudo do verbo preparar. **Revista da ANPOLL**. n. 16: 57–73.
- MULLER, A. (2001) A expressão da genericidade no português do Brasil. **Revista Letras**. nº 55: p. 153–165, jan/jun.
- NUNES, J. (1995) Ainda o famigerado *se*. **D.E.L.T.A.** 11(2): 201-240.
- PALMER, F. R. (1994) **Grammatical roles and relations**. Cambridge: Cambridge University Press.

- PEREIRA, J. S. V. (2003) **A polissemia do verbo preparar pelo Léxico Gerativo**. 96 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- PUSEJOVSKY, J. (1995) **The generative lexicon**. Cambridge/Massachusetts: MIT.
- REICHENBACH, H. (1947) **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan.
- ROBERTS, I. (1987) **The representation of implicit and dethematized subjects**. Dordrecht, Foris.
- RODRIGUES, C.A.N. (1998) **Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Brasília, Universidade de Brasília.
- SAID ALI, M. (1964) **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Ed. rev. e atualizada. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SARAIVA, M.E.F. Iconicidade e a distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo oral do português. IN: DECAT, M. B. N. et al. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. p. 15-40.
- SOARES, M. A. B. P. (1984) **A semântica do aspecto verbal em Russo e em Português**. Rio de Janeiro: UFRJ.
- TRAVAGLIA, L. C. (1994) **O aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão**. 3 ed. Uberlândia: Ed. Universidade Federal de Uberlândia.
- VIOTTI, E. (2003) A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter. In: MÜLLER, Lúcia Ana; NEGÃO, Esmeralda e FOLTRAN, Maria José (Orgs.). **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto.
- WILLIAMS, W. (1980) Predication. **Linguistic Inquiry**. n. 11: 203–238.